
Política



1 9 3 0

ADMINISTRADOR — *Valentino de Sá* (F. M. U. L.)

EDITOR — *Armando Lopes* (F. S. U. L.)

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.^a (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol a Santa Catarina, 40-A, 1.^o

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Inglesa, L.^{da} — Rua Eugénio dos Santos, 118 — LISBOA

ASSINATURAS

(Cada serie de 10 numeros)

Continente e Ilhas	10\$00
Provincias Ultramarinas	15\$00
Estrangeiro	20\$00
Numero avulso	5\$00

DR. AMARAL PYRRAIT

MÉDICO

CONSULTÓRIO : Rua Anchieta
LISBOA

ARTHUR DE CAMPOS FIGUEIRA

ADVOGADO

Rua Nova do Almada, 54, 2.^o

TELEF. C. 3024
LISBOA

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Política

REVISTA QUINZENAL

ORGÃO DA JUNTA ESCOLAR DE LISBOA DO INTEGRALISMO LUSITANO

Redactor principal — Antonio do Amaral Pyrrait (F. D. U. L.)

Lisboa, 10 de Janeiro de 1930

De todo o coração me assoço
a piedosa comemoração do grande
defensor da Religião e da
Monarquia Portuguesa, que
foi Antonio Sardinha

D. Amal de Praçança

CARIDADE DE PATRIA

SE bem entendo o proposito dos organizadores de este fasciculo da *Politica*, pretendem eles ajuntar materiais para o estudo da personalidade excepcional de Antonio Sardinha. Sendo assim, creio que o melhor modo de contribuir para o conhecimento intimo do poderoso animador do nacionalismo português é ainda acordando a sua voz que o podemos achar.

Antes que o tempo espalhe e leve as folhas das suas cartas, impõe-se o trabalho de as coligir. Não faltarão a ele, — penso, — os devotados amigos que chamaram a si o encargo nobilissimo de ordenar e publicar os escritos de quem tão apaixonadamente revelou a consciencia intelectual da juventude do seu tempo.

O epistolario de Antonio Sardinha deve ser o feixo da obra em que a sua vida se consumiu. Ahi se verá, talvez mais pura, a chama da fé que o trazia abrazado. Todos os sentimentos se confundiam, no seu coração, num só amor. As alegrias mais ternas, os affectos mais meigos, serviam-lhe sempre para justificar e exaltar a sua paixão nacionalista.

Nas cartas que me escreveu — e guardo preciosamente, porque nelas ficou a conversar comigo — essa forma de ser alcança prespectivas unicas.

Antonio Sardinha não sabia separar a sua vida da vida da Nação. E se tão cêdo se extinguiu, não é errado dizer que lhe rasgaram a carne as feridas da Pátria!

Esse sonho exaltado libra as asas e palpita nas cartas que vou abrir.

Em maio de 1911 ainda Sardinha sacrificava aos idolos da Revolução. Já por êsse tempo se formavam na Galiza os nucleos que haviam de dar batalha á nova republica. Ao fim de cada tarde anunciava-se a revolta libertadora para a manhã seguinte.

As férias da Pascoa tinham terminado, e como a prometida revolução se não desse, Sardinha escrevia-me de Monforte, num gracejo que não escondia o contentamento...

... «Resigno-me, pois, a voltar a Coimbra com a Republica Portuguesa, quando me estava anunciado só voltar com o reino de Portugal! Esperei, esperei, e se me descuido acontecia-me como aos sebastianistas! Eh, Luis! Em má hora te meteste a privações! Em má hora armaste em Bandarra! E caíste em ir para o exilio, contando voltares triumphante, com D. Paiva á frente, comandando a gloriosa milicia! Surriada, Luis, surriada!



Dr. Antonio Sardinha

Meio ano depois (23 de janeiro de 1912) já era outro o tom das suas palavras:

Meu querido Luis: Tu tens sido o maior dos ingratos! Nem uma palavra te mereci ainda, nunca uma lembrança tua chegou até mim a assegurar-me que tu eras o mesmo de sempre, — o companheiro amavel, a creatura doce, que tanto valias á gente nas horas tristes duma vida vasíssima! O teu silencio eu fujo de interpreta-lo como uma falta de confiança; mas, pensando bem, desde que sei que tu só a mim me exceptuas, dos antigos camaradas, — que a todos dizes de ti, que a todos contas a tua saudade, eu, francamente, não posso deixar de vêr na attitude cerrada em que para mim te mantens um signal de duvida, quando não de excomunhão! Tens sido um ingrato, Luis! E se porventura pelo teu espirito te passa a idéa feia de que eu te reneguei, oh, meu amigo, prefiro antes que me cuides um suspeito do que um misero Judas! Não! A minha alma depurou-se de certas excrescencias indignas de mim, — de todos os que se elevam nas asas dum sonho alto, insaciavel. Eu hoje, na solidão da minha stepe, vivo a sós comigo, com a braza inquieta que me devora. Ella me queimou as impurezas em que me abafava, não ha já odio nem paixão vil, estreita, que me possa inflamar. Apartei os olhos da vergonha que me cerca e acastellei-me na sagrada religião da Esperança. Como te repudiar?»

A' vista de tantos estragos, a ilusão antiga entrava a esboroar-se. Adivinha-se, na melancolia desta carta, o conflito em que a alma de Sardinha se debate. «Il est sans doute difficile de changer, au cours de sa vie, les doctrines qu'on a découvertes dans l'atmosphère intellectuel de sa jeunesse,» notou algures Henrique Massis. A atmosfera intelectual, em que o espirito de Antonio Sardinha desabrochava, era agora batida por ventos contrários, e sob a tempestade, que se desencadeou, tudo se desmoronava em Portugal.

Antonio Sardinha viu-se só, entre escombros. E na soledade ardente que o envolveu, as vozes da courela natal chegavam a ele, murmurava m-lhe ao ouvido inquieto o segredo da criação, e deixavam-no ficar suspenso, a rever o que tinha sido...

A vida negava o que ele aprendera. Palavras, definições, sistema s, como eram diferentes do uso que lhes dera! Submeteu então a duro exame tudo o que seduzira a sua imaginação juvenil. E conformando a sensibilidade ao ritmo das coisas eternas que o cercavam, um outro homem acordava em si.

Tocado do entusiasmo, lirico que outra vez o feria, escreveu-me:

«Queridissimo Luis: Escrevo-te em vinte e quatro de abril, em vespera do Senhor San-Marcos, um dos quatro que disseram da vida de Jesus e padrinho dos bois e dos boeiros de toda a Cristandade. Amanham, perto d'aqui, numa engalanada ermadinha, á hora da missa, por entre os fieis, um novillo de dois annos entrará pela nave acima até ao altar-mór. «Entra, Marcos!» — lhe gritaram

POLITICA

os mordomos da festa, que com varinhas o irám tangendo, que o animal se poluiria se as mãos humanas o tocassem. «Entra, Marcos!» E junto aos degraus do tabernaculo, com as hastes enastradas de fitas e de hervas de cheiro, a rez, em vez de tombar sob o cutelo sagrado, em nome da verdade receberá a bênção da Igreja e nos cornos se lhe cantará o Evangelho do dia. «Entra, Marcos!» E o engelhado Topsius que habitava dentro de mim acaba de descobrir que essa festa, que o Christianismo conservou e santificou, tem raizes milenarias, descende da festa do Touro que uma civilização pré-àrica bronzifera, espalhou por toda a Europa. Mr. Homais rir-se-ia da ingenua solenidade e aproveitar-lhe-ia a origem para atacar a pobreza creadora do Christianismo e a mentira das Religiões. Eu, como homem que estudo, solidifico com o facto a minha crença vendo nele um sinal claro dessa curva ascensional do homem primitivo para a Perfeição, que é Deus. «Entra, Marcos!» E hoje as ladainhas saem pelos campos — saíam — a rogar ao Ceu pelo renovo primaveril, pela messe que se aformosêa, pelos fructos que despontam. Como Portugal estara lindo! — exclamava na tua carta a tua nostalgia. — Como Portugal está lindo e como elle te manda saudades, meu amigo! Floresce o rosmarinho, a planta que soalha as igrejas em Quinta-feira de Endoenças e que, assistindo à scena do Calvario, perpetuou na sua auterissima flor o sangue inocente do cordeiro.

«Como Portugal está lindo! E quando eu olho o tapete das searas que ante os meus olhos se desenrolam por dez leguas infinitas, eu penso naquele romance de Melchior de Voghê, — *les morts qui parlent*. A verdadeira França, aí! não é a que se estorce e debate no Palácio Bourbon, — não é a que governa e se divide em programas politicos irrealizaveis e perturbadores, mas a que trabalha e canta sempre, — aquella que encolhe os hombros na ignorancia do *homo-publicus* que aleilôa, aquella cuja seiva etêrna dá filhos á Patria e dinheiros á bolsa sôfrega do Estado. Lembras-te?

«Ah, meu amigo, como nesta hora má é bom sonhar, trazer por entre as coisas simples a alma excruciada. Abatidos os pendões que nos separaram e empurram para um agonisar sem gloria, — em nós os que amamos e sentimos se recolhe e toma expressão a consciencia, a dignidade nacional. Conservemo-la, traduza-se em paginas que a vinculem, — eis o que cumpre fazer, querido amigo! Por isso a alma se levantou com as asas mais foitas na manham abençoada em que a tua carta me contou de ti e dos teus projectos.»

E acrescentava algumas linhas abaixo...

... «Penso em conquistar prosa e vou agmentando a minha bagagem de Topsius. E' que sinto em mim qualidades de historiador e é aí que melhor serviço poderei dispensar á nossa pobre terra.»

Não se enganou. Os erros de historia emendados por Antonio Sardinha são, talvez, a parte mais nova e mais util dos livros que nos deixou. Terminava essa carta por este modo...

... «Ha mais de um anno que não nos vemos. Ias tu para as ferias de Pascoa e eu fui á estação. Levavas o *Rimbaud* que tanto tempo namoraras. Lembro-me ou não?»

Tambem eu me lembro. O livro de Arthur Rimbaud, a que Sardinha se refere, estivera por longo tempo exposto numa das montras da Livraria do França Amado, junto da *Enquête sur la Monarchie*, de Carlos Maurras. Passavamos horas a conversar ali. E recordo até que brincando com o republicanismo de Sardinha, eu lhe mostrava o exemplo do companheiro dilecto de João Moréas, do discipulo amado de Anatólio France que levantava na mão firme a lança de Minerva contra os dragões da Democracia.

Eu andava por longe. Terminadas as correrias pelas veigas de Chaves, fui com vagar subindo até á meiga Flandres. Ahi me chego, datada de 30 de Dezembro de 1912, a seguinte carta, tão sentida que não se lê de olhos enchutos:

«Meu querido expatriado: Já sabes naturalmente por outros aquilo que só por mim devias saber. Mas eu andei mezes sem novas tuas e só aí por setembro tornaram aparecer postaes, contando-me com a tua saudade a vibração amiga duma alma que tanto se identificou com a minha na arrancada dos mesmos sonhos, nos entusiasmos da mesma mocidade. Marcavam-me esses postaes o roteiro da tua vida errante, não te podia eu alcançar com a noticia alvorçada que o meu coração te guardava. Chegaram enfim letras annunciando-me o enraizamento. O quotidianismo da vida com os seus mil e um tropeços impediram-me então do cumprimento do gostoso dever. Abraço-te, pedindo-te desculpas, e deixa que eu sinta a tua alegria na alegria com que te digo que me casei. Casei-me no dia 28 de agosto, Nosso Senhor teve um sorriso de pae para com o casalinho e um bispo nos deitou a sua benção. Casei. E unindo-me a quem será ao longo da minha existencia um motivo constante de inspiração e confiança, eu alevantei um hino de certeza no futuro, ganhei a immortalidade, acendendo o fogo dum lar. Dos amigos — dos raros — só o bom Hipólito me acompanhou. Aos outros, presentes na comoção com que os evocara, um vento mau os dispersara, levava-os para longe ao acaso a cegueira criminosa do nosso tempo. E ao entrar no ninho que entretecera, eu alembrei-me de Vocês, ao Deus-dará sob ceus estrangeiros, ouvindo aquellas falas que a gente não entende e que já o bom Froilão do *Alfageme* amaldiçoava por pôrem doença na alma e no corpo do desgraçado que as escutasse, empurrado para fóra da vila natal. E u alembrei-me de vocês e apertei-os todos nos meus votos, envolvi-os na minha felicidade, ó companheiros amoraveis duma boa hora que não torna!

«Casei-me, Luis, — é verdade! Mas com que tristeza, ao entrar no meu lar, eu reparei que levava as mãos vazias, que os meus vinte e cinco annos não tinham como os vossos a grandeza duma abnegação, a aureola dum sacrificio. E admirei-vos, admirei-te! Vós sois no nihilismo moral que nos abafa o fermento sagrado que ha-de levedar uma Patria. De cá vos saúdo, como te saudei no momento supremo em que deixava de ser um ponto, uma pausa, para me tornar o anel duma cadeia infinita.

POLITICA

«Corri depois o nosso Portugal e lá estive em Chaves rezando com minha mulher sobre a campa raza dos Martires Bendito sangue, que foi uma sementeira de milagre!

«Recordas-te, Luis de um dia me dizeres na tua casa, ao fim da geropiga e entremeciando um cavaco com a senhora Thereza (passei a Valpassos, — a terra della) que o erro jacobino havia de morrer em mim, por incompativel com a sinceridade que eu lhe consagrava, e que os meus olhos se abririam para as verdades eternas? Pois, meu amigo, meu Irmão, lêste fundo na minha alma e com alegria te conto a minha conversão à Monarquia e ao Catholicismo, — as unicas limitações que o homem, sem perda de dignidade e orgulho, pode ainda aceitar. E eu abençoção, eu abençoção esta Republica tragico-comica que me vacinou a tempo pela lição da experiencia, que livrou a minha existencia dum desvio fatal. Rapazes, saibam lá que em Portugal a crença monárquica propria, saibam que, se repudiamos a miseria partidaria dos bandos antigos, muito mais repudiamos a oligarquia criminosa que nos escorcha! A Monarquia que venha reinstalar a paz neste pobre paiz, que se reorganizem os fundamentos sociaes por um acto de intelligencia e força, senão pulverisar-nos-emos numa vergonhosa derrocada!

«Conta-me, conta-me de ti, Amigo, dize-me se a minha esperanza não me ilude. . .»

Não, a esperanza não o iludiu. As gerações que vieram depois da nossa, comnosco barraram o caminho á mentira democratica, e a intelligencia portuguesa, livre de extranhas excrecencias, afirma-se e confessa-se publicamente.

Antonio Sardinha entregou-se ao apostolado novo com fervor nunca visto. E êle, que sentia como ninguem os encantos da Tradição e dela tirava os mais belos motivos literarios para os seus versos e os mais nobres estimulos para a sua acção politica, annunciava-me assim o seu primeiro estudo nacionalista:

«Meu querido Luis: Escrevo-te em vespera de S. João, — do S. João da agua-santa, com a herva-serpentina cantando à meia-noite a trova suspirosa, e as lindas moiras encantadas estendendo ao caminheiro da borda das fontes os lavrados cantaros de prata. Escrevo-te em vespera de S. João, d'alma toda embebida no misterio do solsticio, desabrochando em rosas de fogo sob os pés chagados do grande filho de Isabel. Oiço como que crescer as raizes em estremecimentos sagrados. E a tradição da Raça passa-me, inteira, completa, deante das pupilas semi-cerradas para a penumbra doce! Sam as «alvoradas», é o sono de S. João, é o jogo das canas mai-lo o alferes da bandeira, pessoa de bõa christandade, com o gonfalão desdobrado por entre as raparigas, — é a «Senhora Camara», de capa e varas nobres, reverenciando o Baptista glorioso. Ah, meu Amigo, como não has-de tu ser lembrado pelo meu coração, — pobre despaisado, que mais do que nunca te sentes enraizado, na religiosidade calma deste momento, como nas espiraes da evocação não aparecerá o teu vulto miudinho, com alguma coisa da tristeza divina de Anto, com muito de D. Gil Valadares, — tu que conhecestes os perigos da

guerra e aprendes agora o vario saber em vila alheia, falando falas alheias?! Eu lembro-te, meu Amigo, e deixa que de longe te deseje a paz e te ofereça os bolos de S. João aquele que a paz conhece e que em S. João acredita com a fidelidade dum católico que se esforça por sê-lo! O bem esteja contigo mais a graça de Deus Nosso Senhor!

«Vi rimas tuas, Irmão, na *«Alma Portuguesa»*, que vem trazer uma nota viva de Esperança á minha Esperança sempre viva. Na hora em que escrevia da minha fé sobre os moços portugueses, nessa hora a boa mensageira me entra pela casa adentro numa aleluia consoladora. Não me enganara eu, — não! e ainda-bem que o integralismo lusitanista adquire para a consciencia da nossa geração o alto sentido creador que com ele mora e nele lateja em frêmitos fortes de vida! Eu trabalho, — não num poema, meu Amigo, mas num farto livro viril, — «A verdade portugêsa», que é a sistematização do que se pode, em realidade, considerar como próprio e original, como progressivo e expontaneo, na nossa maneira de ser colectiva. E' o misticismo da Raça que eu ali procuro corporisar, sam os prejuizos inimigos da nossa historia que ali se denunciam e desbaratam, é a revisão das possibilidades organisadoras do genio nacional, o minucioso exame de consciencia da nossa epoca que já leva de vencida cosmopolitismos e theorisações sociais para se reconciliar de novo com essas duas grandes verdades que sam o Catholicismo e a Monarquia. Tu verás depois e contigo veram os bons camaradas que tam distantes e com espirito tam alevantado se agrupam em torno do guião lusitanista, como lábaro dum amanham melhor. A palida tendencia estética do *«Tronco revercido»* desdobra-se naquelas paginas quentes em amplos motivos de disciplina e resurgimento. E o que me anima mais é que um ambiente se dispõe, favoravel, unico. O neoromantismo que se desprende das almas em embulição, sedentas de equilibrio e certeza, tende a polarisar-se por todo o lado no sentido duma justa integração localista, a crise historica que o nosso país atravessa reveste de exigencias imperiosas o que noutras condições bem poderia ser apenas para a mocidade culta uma pacifica attitude psicologica. Hoje a Acção reclama-nos e, como outróra em tempos de misticismo militante, não é o convento que Deus nos aponta, querido Amigo, é a Obra social, — a redenção das massas deschristianisadas, a metodisação catholica da necessidade sindicalista, a devolução à indissolubibilidade familiar, — todo o vasto campo do resgato sacrosanto dos outros! Por isso, tu deves voltar, voltar um dia, que bem perto andarás, com a linda bandeira exilada e com os pioneiros do mesmo sonho, servires a gloria do Senhor, trabalhando pelo teu semelhante, ensinando-o a amar e a esperar. . . »

A *Alma Portuguesa*, a que Sardinha alude nesta formosa carta, era uma revista de estudantes, em que alguns rapazes, exilados na Belgica depois de terem experimentado as armas contra os soldados da Republica, ousadamente se propunham modificar a mentalidade fossil da gente do seu país. Ahi se abriu pela primeira vez o pendão do *Integralismo Lusitano* e se proclamou a doutrina reparadora da Patria em ruínas. O *neoromantismo* era o assumpto finalmente versado pelo melhor companheiro que lá tive: Domingos de Gusmão Araujo.

POLITICA

O livro que Sardinha preparava com o titulo *A Verdade portuguesa* foi publicado depois com outro arranjo e a designação *O Valor da Raça*, e constituiu a dissertação para concurso á Faculdade de Letras de Lisboa.

Em carta de 14 de Novembro de 1913, Sardinha precisa:

«Meu querido Luís: Perdôa-me! E por Santo Antonio, que é meu padrinho, te prometo que não voltarei a cair em tão feio pecado, — em culpa mortal de silencio. Arrisco-me a que duvides do affecto com que te quero e da presença vivissima com que a tua lembrança me assiste sempre. Sou teu amigo, — tu és um dos meus Irmãos estremecidos. Desde os pavores na aula de mestre Serrasqueiro aos entusiasmos limpidos com que enfileiramos, — tu mais ousadamente do que eu, — na ala resgatadora, com pequenos desvios a nossa jornada de moços corre unida e confiada, hombro com hombro, coração com coração. Hoje que nos achamos detentores duma «verdade portuguesa», e que Deus nos unge para sermos na nossa terra, com outros que venham, um núcleo disciplinado e reparador, mais do que nunca um grande abraço nos liga, mais do que nunca os mais invenciveis laços nos soldam numa bela comunhão de destinos e aspirações. Podia eu lá esquecer-te, pois, meu bom, meu saúdoso Amigo?»

«... Escuso de te tornar a dizer que a *Alma Portuguesa* encantou-me e comoveu-me. O titulo é que não gosto dele. E' a *Alma Portuguesa* do Antonio Zé — é a *Alma Portuguesa* de quantos meninos se lembram por esses liceus de deitarem á rua um jornalco. Mas a impressão desvanecese ante o artigo de entrada. Ha ali uma firmeza de intenções, uma unidade de designios que denuncia da vossa parte uma admiravel cohesão. — uma juventude forte e homogenisada, procurando um emprego elevado para as suas horas, sequiosas de sentido e de fructo. Eu deponho a minha fé inteira no belo movimento que começa a animar a gente da nossa idade. Os rapazes teem em toda a parte a situação e esse milagre de assombro, que é bem Deus falando pelas almas claras e generosas, esse milagre de assombro, que rasga já claridades nos destinos incertos da França e acende iluminismos extranhos na geração que lá cresce para a vida e para a luta, tambem entre nós, — no nosso Portugal, traído e leiloado, começa a fecundar as vontades, a ordenar os impulsos que o charco enoja e ainda fortifica mais. Ha hoje um grupo constituido, que ha-de ser o portador da grande labareda. Ao instincto conservador da maioria dos moços portugueses é preciso dar-se-lhe uma filosofia, um corpo de doutrina que os oriente e encha de dignidade no aggressivo da sua offensiva. Vive-se ainda por cá dos Imortaes Principios e a Monarquia Constitucional, que caiu por assimilar as ideologias da Revolução e com ellas derrancar o paiz, é imperioso acaba-la de matar, não deve, não pode voltar. Voltará e tem de voltar transfigurada na Monarquia organica, tradicional, mantendo o equilibrio das classes neutralisando as diversidades regionais numa vasta intenção descentralisadora, envolvendo-se de prestigio pelo respeito do espirito provincial, pela consagração das actividades particularistas. Assim deixará de ser uma concepção rígida, inerte abafando em apriorismos mentirosos as diversidades etiologicas e glomorfologicas, para, apoiada nos Concelhos e nas Corporações, se identificar em tudo com o genio nacional, — com o poderoso intuitivismo gerador da nossa alma colectiva. E

convence-te, meu Amigo, que enquanto a oposição monárquica viver da aria desbotada da Liberdade e da *Carta*, que, enquanto ela se não possuir duma profunda compreensão da nossa realidade nacional, nada conseguirá, nada fará. Porque se estes derrubaram os outros para se regalarem, aos ingenuos e descrentes parece que os outros o que querem é atirar com estes abaixo para se devolverem á festança antiga. Ora, a principiar pelo Rei, é necessario ensinar aos monarquicos o que é a Monarquia. Nós já temos um precedente nesse sentido E' a ignorada, é a desacreditada literatura miguelista. Reabilite-se e com a vulgarisação do doutrinismo da *Action Française*, completamente desconhecida entre nós, organise-se uma teoria contra-revolucionaria que ensine a esta gente que a Democracia é uma forma social inferior, implica a negação de todo o conceito selectivo, que só a Realizaçao pode solucionar as insofismaveis e instantes questões da hora presente. Ao mesmo tempo, num minucioso exame de consciencia, expurgemos da nossa historia quantos juizos feitos, quantos subjectivismos deformadores lhe mutilam e interceptam o verdadeira sentido...

Respondendo a esta carta, em que o pensamento contra-revolucionario de Sardinha aparece já perfeitamente construido, levantei as referencias nela feitas á *Action Française* e, acentuando o fundo original do tradicionalismo portugues, prevenia Sardinha contra as influencias da escola de Maurras. Logo Sardinha me tranquiliza (6-XII-1913):

... «Aceito (beijo-te as mãos) com êsse titulo que aventuras a tua ajuda valiosa e valorosa. Toda a chicotada é pouca e aqui o que se sofre é uma hipertrofia pasmosa de medo. Nada mais. Cincoenta anos de paz-podre puzeram-nos nas veias cinza em lugar de sangue. E' a isso que nós queremos acudir, insuflando à mocidade que arde em impetos de resgate um principio fecundo de açao. A monarquia liberalista morreu. O que é preciso resuscitar é a monarquia organica, tradicional. Nesse sentido, com um programa completo, redigido por mim e pelo Hipólito, aparecerá o nucleo de uma futura instauração nacional. O *Intregalismo Lusitano* (como tu com tanta visao defeniste) é o aspecto estético e filosofico do problema. O reconhecimento de todas as fontes creadoras de energia colectiva o fim a que nos inclinamos... As prevenções da tua carta sobre a *Action Française* já existiam em mim. Nós pedimos-lhe um metodo, — uma sistematisação, — não um corpo integral de doutrinas, E embora o agnosticismo esteja condenado, as doutrinas de Charles Maurras no seu lado politico-social não se acham em expurgação. Ainda ha pouco o P. Descoqs, jesuita, publicou acerca delas um livro que te aconselho».

Eu agora tenho muito que fazer. Vou concorrer á Faculdade de Letras de Lisboa, para em publico e razo defender as nossas teorias historicas Na dissertação tu verás como eu utiliso os dados da pre-historia e do eruditismo moderno na elaboraçao duma sintese que seja o nosso ponto de apoio. A *Verdade Portuguesa* tem um factor stático, — o localismo, o municipio, — outro dinámico, — a resistencia lirica da Raça, traduzida na concepção reparadora do mito sebástico. Ora eu procuro traçar o desenvolvimento destes dois insofismaveis agentes da autentica

POLITICA

consciencia nacional desde a nossa remota ancestralidade. O enraizamento que se afirma nas tradições concelhias descende duma humanidade primitiva que os arqueólogos accusam no sul da Europa, caracterizada entre as demais pelo seu apego ao torrão. Bem cedo enterrará os mortos, fixando-se, antes mesmo de praticar a agricultura. E dahi, em communidades primitivas, através das citanias do teu Minho (lá estive em Briteiros, aonde recolhi uma das emoções maiores da minha vida!) até ás bebetrias do principio da Monarquia, vivia ascendendo para uma definitiva criação na forma completa do municipio. Por outro lado, num terreno, exposto a incursões de povos guerreiros que escravizavam a raça autoctone, a Esperança nasceu como reacção fatal do vencido que, arreigado ao solo, se construiu miragens de desforra futura. Desde o altar que os celtas ergueram à «vírgem que havia de parir», desde as profecias duma sibila Cantábrica anunciando aos seus oprimidos um salvador, o mito sebastianista vinha crescendo, atravez de varias aspirações recalçadas do nosso fundo ético, até ao remate extremo na hora do desastre final. Compreendes, que esta exposição é muito atabalhoada. Com os documentos que possuo, tu depois apreciarás a minha conclusão, que se resume na aliança estreita do messianismo á forma communalista do concelho. Resulta dahi que a Esperança, — e não a Saudade, — é o grande renovador e mantenedor do genio lusitano.

«Tambem o folheto do Paschoaes me indignou. Escrevi umas coisas que depois não publiquei por entender que não valia a pena. Os *Aguias* estão desacreditados, já ninguém os leva a serio...»

Para os que teem accusado o *Integralismo Lusitano* de ser apenas um rebento mais da *Action Française*, estas cartas, escritas quando coordenavamos os elementos doutrinaris, que iriam servir de base á nossa campanha nacionalista, não podem deixar de merecer um minuto, ao menos, de reflexão. Nelas ficou estampada a verdade com que, desde a primeira hora, repelimos a pecha de bastardia, que para o nosso pensamento buscavam os que o queriam diminuir e manchar.

Animou-nos sempre o desejo de enraizar o nosso espirito em chão portuguez. Outra amostra deste proposito se encontra na carta de 17 de Março de 1914:

«Meu queridissimo Amigo: Vam dois mezes corridos sobre a tua ultima carta e eu só agora t'a agradeço! não voltei a incorrer em pecado feio de preguiça, não! Foi pela maré de trabalho em que me vi envolto que eu tive de adiar com muito pesar meu o delicioso cumprimento dos meus deveres de amizade. E como te guardei sempre no pensamento, como no ardor da canceira eu te evocava a miudo, — o que dirá o Luiz? — quando um resultado encorajante me aquecia o iluminismo de indagador; não sinto acanhamento ao aparecer junto de ti, porque no meu silencio fecundo, tu, bom camarada e melhor amigo, assististe sempre ao meu lado na troca entusiastica dos altos-motivos de beleza e acção que nos dirigem a vida, na comunhão plenaria dos mesmos sonhos, do mesmo espirito de cruzada reparadora. E hoje que regresso do escuro das idades, viajando como andei pelos

domínios ásperos da antropologia, com a certeza vingadora que por lá adquirir de que não somos uma raça bastarda e que as qualidades éticas dum povo renascem e saem mais temperadas dos amolecimentos e sonambulismos colectivos, ao erguer como nunca o meu acto de fé nos destinos da nacionalidade, é a ti e sempre a ti, meu Amigo, que eu envio a aleluia mística em que todo eu me transbordo. A «Verdade Portuguesa» cada vez se consolida mais e cada vez mais na alma dos moços se difine a sêde de reviviscência que nos trabalha as atormentadas vigílias. Não se perderá, meu Amigo, a semente que enlevadamente andamos apurando para a deitar á gleba dormente que no seu pousio inglório ansia por produzir!

«Aos teus ouvidos, nessa Belgica distante, devem ter chegado os sinais da matizada linda que se anuncia por toda a terra portuguesa. Sabes já que vae sair a revista em que te falei e que será o órgão do nosso movimento. O primeiro numero em composição deve trazer um artigo meu, de escandalo. — *Teófilo, mestre-da Contra-Revolução*. E' o juizo sintético da visão histórica da obra de Teófilo, rematando-se numa inofismavel conclusão monárquica. Lá se faz o processo do constitucionalismo a quem pudemos agradecer os piores males da Raça, — a Republica, inclusivamente, — e oxalá que consiga ferir a atenção das pessoas cultas e bem intencionadas... A nossa tarefa é ampla, infinita, mas como a nossa mocidade se sente radiosa por se encontrar senhora dum fim, — na posse duma unidade que a engradece e a devota apaixonadamente ao serviço da Patria e do Futuro!

«Tambem do nosso grupo saiu um panfleto, — *Aqui d'El-Rei!* em que o autor, republicano convertido á Monarquia começou a evangelizar com sucesso e penetração as ideias gerais do nosso ponto de vista. Recordas-te do meu caloiro de Coimbra, — do João Amaral? Pois é esse o arietario de que te falo. As adhesões chegam-nos de hora para hora. Tudo se reveste numa promessa magnifica.

E a proposito de *Os Cadernos de Mariote*, que vulgarisavam o ensino da *Action Française*, Sardinha repete:

«A *Verdade Portuguesa* possui alguma coisa de especifico, de próprio, que não se surpreende nem se estuda nos criterios do neo-monarquismo francês. Este vale para nós pelo significado de oportunidade unicamente, porque nos nossos escriptores do legitimismo acha-se definida e corporisada toda uma doutrina monárquica poderosa de observação e de positivismo.»

Batia a hora alta da meditação. Iamos largar a vela no meio da tempestade.

Era pela Pascoa, e Sardinha vinha ter comigo ao escuro exilio. Escrevia-me (10-IV-1914).

«Meu querido Amigo. *Feria VI in Paracesve*. . . E a esta hora em Monsalvato descoalha-se o sangue do Senhor e, envolto na melodia augustissima de Sexta-feira Maior, o Eleito eleva á adoração dos fieis o calix sagrado. Caia sobre nós a graça que irradia sobre os cavaleiros do Graal e enquanto nos aprestamos para a

POLITICA

vigília da Pascoa, eu quero meditar um pouco contigo ó meu Irmão. Cem montes nos separam, separam-nos cem rios, mas vae-nos a alma toda acesa no misterio deste dia de resgate. Tu decerto aprontaste os teus unguentes, as tuas redomas de balsamo precioso para ires ao sepulcro na manham das profecias. E' contigo que eu quero fazer a romagem mística, — ó leal entre os leais, braço do meu braço, bordão a que me amparo! Sinto alongada sobre mim a bençãam d'Aquele que por nós sofreu. Oh, o simbolo tocante da iconografia christã que representava nas primeiras edades o Filho de Deus como um monstro hediondo de fealdade! Se Ele chamara à sua divina face os pecados do mundo para nos redimir! Pois é olhando-o e reconhecendo-o na hora em que os outros lhe cospem e lhe leilõam a veste outra vez, — pois é com o seu sinal bem aberto no meu coração que eu, meu Amigo, corro a ti, te aperto contra mim e te saúdo em Christo Senhor Nosso. Caminha-se para a Hora-Tertia, já o cortejo sai ás portas da Cidade, os ceus entenebreceem-se. *Vexilla Regis*. . . — e o hino sacro desprende-se-me dos lábios adorando ante a Cruz arvorada o Principio depurador do meu barro. Todo me curvo, todo eu bejo o chão, mais humilde que os bichos da terra que só se mostram à noite com vergonha da claridade. Mas o Senhor foi para a minha aridez como a chuva da tarde pelo estio, eu sou um homem de boa vontade, confio aguardo, não serei confundido eternamente. «*Só os pagãos é que não teem esperança!*» diz a letra admiravel do Officio de Defuntos. E em frente do movimento em que Christo não tarda a repousar eu recito o versiculo sublime: «*A minha carne descançará na esperança, ao lado do Senhor meu Deus dormirei em paz.*» Sim meu Amigo, pela Esperança nós nos depuramos, a Esperança em nós conserva uma Faulha bruxoleante de quanto herdamos da primitiva Patria. E em esperança para mim, em esperança para o futuro, eu ascendo aos pés da Divindade enluctada, preparando-me para a aleluia fremente da Resurreição. Jesus resuscitará. E com Ele, com o seu oriflama esplendoroso, um morto ha-de surgir da escuridão dos linhos em que ande sepulto, — misérrima larva errante! Sejamos sempre os discipulos confiados, quem sabe se o peregrino de Emaúz não lhe vae emprestar para depressa o seu condão terrível de Derrotador da Morte? Com a Pascoa do Senhor a Pascoa humanissima, mas não menos milagrosa do nosso Portugal nos está batendo à porta. Almas ao alto, não sejamos como as creaturas de pouca fé que tiverem ao Senhor em sua casa e não n'O reconheceram!

«Medita, meu Amigo, e tu has-de achar que o enxovalho do Pretório vae passando, que já no atáude recondito em que só os vermes se enovelariam um estremeção de vida se anuncia «com escandalo da judaica pravidade e pasmio edificante dos gentios.» Abençoados por Deus, nós soubemos crêr, nós seremos assinalados na hora luminosa em que o prodigio se consumir. Silvaninha, presa na torre por ordem dos parentes, ver-se-á depressa desalgemado o espirito dos Avós que um encantamento diabólico empederniu no torpor dum longo sono. Agora descoalha-se em Monsalvato o sangue do Senhor, entre os cavaleiros assiste à cerimonia um recebido solene. E' o Encoberto que regressa da prisão secular, recuperado, rejuvenescido. Com a vigília santa da Pascoa, sejamos aprestados para o receber.

«E deixa que te beije pela tua linda carta. Sam effluvios de vida superior que

me penetram e inflamam ainda mais da loucura religiosa que me traz vota do todo inteiro á nossa cruzada reparadora. Com tanto que eu tenho para te contar, quando é que te verei para dar razão ao que me invade? Estaremos horas e horas a olhar-nos, a olhar-nos, falando mais que a palavra a nossa comovida mudez. Hoje que entramos a enquadrar-nos em hoste cerrada, a falta que tu nos fazes. Sabes que, propagandista de nosso integralismo, vae reaparecer a tua antiga *Patria Nova*? O meu livro antes do fim de Maio não apontará. Vem com as rosas e com o meu Filho. Alegrementemente t'o participo. D'aqui a pouco mais dum mês arma-se em nossa casa o presepio do Natal. Pede tu a Deus pelo sangue do meu sangue e, em reconhecimento dispõe dos meus dois sonetos como tu muito bem quizeres.

«Cá aguardo com a maior anciedade a tua elevação á boa terra da Flandres, tam irman da nossa na amorosidade e na candura. Amando muito o teu livro, torná-lo-ei em comunhão permanente, queridissimo Luis! Tu és o parente mais arrumado do meu espirito, aquele em quem eu revejo tudo aquilo que eu sou. E a prova é a identidade de vistas e conclusões a que vamos chegando, embora tam apartados. Alegrou-me por isso duplamente a tua attitude em frente do Mariotte e da *Action Française*. De facto, nós possuímos, integra e bem autónoma, uma profunda doutrina monárquica. Ha um publicista do legitimismo, Faustino José da Madre de Deus, que se antecede a Le Bon em dictames de pura demopsicologia e em quem se encontra magnificamente formulado o argumento de Maurras sobre o egoismo do Rei, promovendo por interesse próprio o bem geral. Tambem eu estava convencido de que os mestres da nossa Contra-Revolução descendiam de Bonald e de Maistre. Hoje penso de modo diverso. No seculo XVII em Luis Mendes de Vasconcelos e Alberto Ferreira de Vera podemos filiar a origem dessa concepção politica, que talvez proviesse de S. Thomaz. E a proposito: tu conheces algum livro, sobre a sociologia thomista que me hajas de indicar? Era favor que se não pagava.

*Eu cada vez me adianto mais em constatações maiores sobre o nosso genio. Na revista verás a respeito de Teófilho uma ligeira exposição da minha tese ácerca do Municipio, que eu entendo proprio da Raça. Levanta-se agora uma apreciação arrojada que nos faz inserir as raizes do provençalismo no nosso tesouro poetico. Já se sabia que na nossa poesia popular se descobriam os embriões da Odynea: — a volta ao lar na *Bela Infanta*, os trabalhos maritimos na *Nau Catharineta*, tanto que em certas regiões do País se canta a xácara como continuação da primeira. Um critico espanhol surge a filiar ultimamente a literatura trovadoresca na influencia literaria dos Cancioneiros árabes cordoveses. Ora em Córdova predominava o elemento mósarabe, engrossado extraordinariamente por gentes do noroeste da Peninsula (Galiza e Minho). Nos referidos Cancioneiros predomina a voz galega, que era o mesmo que a nossa antes da differença dialectal, — é até a que prepondera e lhe imprime toda a delicias lirica. Reforços psicologicos comprovam a hipotese. E que consolador não é para nós esta certeza que nos emancipa e reveste de caracter inquebrantavel? Eu imagino o júbilo em que te alvorotarás. Pois é o presente pascal que te envio, — essa boa nova transfiguradora!»

Foi um dos mais caros motivos da curiosidade incessante de Antonio Sardinha essa revelação de D. Julian Ribera y Taragó. Sardinha

POLITICA

encontrou no Discurso de entrada do eminente arabista espanhol na *Real Academia de la Lengua*, a confirmação do que lhe fôra segredado pelo seu finissimo instincto poetico. E sabendo como eu sonhava sob a *frol do pino*, entusiasmadamente correu a repartir comigo a gostosa noticia.

Nunca mais o abandonou aquele tema. A ele volta sempre que necessita de mostrar a originalidade do genio portuguez, a força criadora do lirismo que nos deu alma.

Terminava o captiveiro. Eu tornava á casa paterna. E Antonio Sardinha estendia-me os braços, esparzia flôres, para que ainda fosse mais terna a alegria do regresso:

«Meu queridissimo Luís: Eu não quero que te despeças da terra do exilio sem que tenhas palavras minhas a acompanharem-te. Foi uma aleluia que me entrou pela casa adentro a tua carta de hoje. Vae-nos cobrir de pressa o mesmo sol, a courela natal engrinalda-se de giesta e rosmaninho, — d'oiro e roxo, para te receber na magna solenidade das suas cores liturgicas. Como no psalmo, os montes saltaram de alegria quaes carneirinhos retoçando, ham-de estar sem ir ao ninho as aves do Ceu nessa hora bendita em que tu tornaes. Eu quizera estar lá para te abrir os braços, selar o nosso recontro com demorado aperto de corações. Mas, como se me impossibilita êsse lindo desejo com o acontecimento que vae pôr-me a casa num presepio, ao menos espero ter-te comigo no dia em que o morgado se fizer christão. Não vos pude têr ao lado, a ti e ao Alberto, no grande momento em que Deus me ligou á companheira de toda a vida. Ter-vos-ei por direito e por compensação quando a benção do Senhor descer com a agua lustral por sobre o fruto dum amor recatado. Intimo-te, emprazo-te, não te dispenso.

«Muito te quizera contar ainda. Só te direi que a nossa revista obteve o mais inopinado sucesso. Não se atrevendo a suspendê-la, a carbonaria interceptou-a nos correios. Não chegou a Lisboa e se eu quiz um exemplar teve que o Alberto mandar-m'o registado. Não podiam favorecer-nos com reclamo melhor. Agradeço-te as tuas indicações sôbre a bibliografia tomística. Vou mandar vir o livro do P.º Sertilanges.

«E adeus, meu querido Luís. Santa Maria de Maio virá contigo e eu louvarei ao Senhor pela tua tornada. Cinge-te muito contra o peito o que é teu de toda a alma, Antonio. Monfort, T. C., 26-IV-914»

Lutamos até aqui com as sombras misteriosas que nos povoavam o espirito; começava agora a aspera batalha, peito a peito, contra a barbara multidão dos escravos da Liberdade!

Luis de Almeida BRAGA

uma carta de V. V. ob eqqmst

ANTHERO DE FIGUEIREDO

A GRADEÇO a V. V. penhorado, o convite para colaborar num número especial da «Politica», dedicado a Antonio Sardinha, mas sinto não me tivessem dado tempo para, com vagar, eu escrever desta grande figura que, embora prematuramente desaparecida, deixou obra notabilíssima. De Antonio Sardinha não se pode escrever a correr. Pelo contrário, devemos concentrar a nossa admiração e a nossa devoção para que o que dêle dissermos traga o cunho da inteligência que com êle aprendeu a reflectir, e o timbre daquella sua emoção ao louvar e rezar as coisas do nosso e religioso Portugal abençoado pelo Sol e sagrado pelas cinco chagas.

Apostolando e cantando era sempre grave o tom da sua fala luziada. Seus ensaios politicos primam pelo desassombro e pelo character; vigor e combatibilidade definem-lhe a acção; e, porisso na sua alma de poeta patriota e cristão o sentimento da Saíidade, longe de ser um roxo lírio doente, de haste pendida, era, embora triste, uma flor sã e crente iluminada pela Esperança. Antonio Sardinha, nacionalista e tradicionalista, foi Grão mestre ao prelecionar esta politica de amor à nossa portuguesa, e de fé no seu futuro formoso.

Não podem, pois, deixar de ser muito reflectidas, por mais breves que sejam quaisquer considerações que se façam a seu respeito, porque demoradamente meditou a sua obra este pranteado escritor e querido amigo que passara a curta vida a doutrinar e a cantar, num harmonioso desdobraimento de sua inteligência perspicaz, do seu pensamento culto e da sua emoção concentrada e bela.

Não tenho tempo de escrever o artigo pedido; mas como me é agradabilíssimo juntar o meu nome ás homenagens prestadas a tal vulto, rogo a V. V. a subida fineza de dizerem, na Revista que redigem, que, neste quinto lutuoso aniversário do seu falecimento, eu me associo, com entusiasmo e enternecimento, a tudo que, de preito, e carinho, se vote à memória desse cultíssimo espirito, desse notabilíssimo publicista, dessa alma energica e também desse poeta contemplativo que, diante da Natureza, soltava, num desprendimento expontaneo (ás vezes trasbordando os «doces limites» impostos pela sua intellectualidade) as naturais ternuras do seu coração interprete profundo do sentimento português em seu profundo lirismo. A relha do seu arado renovador revolveu glebas de poiso e trouxe ao de cima, ao sol, o humus fecundo que estava subjacente à terra mãe; e ao som da sua lira nacional reverdeceram avoengas arvores carcomidas.

Antonio Sardinha serviu dest'arte a sua «ditosa pátria amada» com o que de mais puro havia no seu pensamento alto, com o que de mais belo tinha a sua nobre comoção.

E agora, maior ainda na morte que na vida, sua memória é luz e estímulo nos que o admiram e amaram, e dos seus ensinamentos aproveitam adversários de algum dia: louvado Deus, já por aí dá flor muita semente que êle lançou á terra bemdita da Pátria!

Pedindo desculpa destas minhas pobres palavras, sou, camarada, etc.

Cadouços, Foz do Douro, 2 de Janeiro de 1930

Anthero de FIGUEIREDO

tempos do Verbo

DIFÍCIL dizer, numa sêde de palavras, a caudalosa torrente que Antonio Sardinha foi... Pelo contrário: facilito! — Na entoação do verbo, simples, visível movimento dos tempos: basta considerar o que Antonio Sardinha é.

Na pátria reconstrução em que trabalhamos, seu Pensamento ficou de pedra e cal. O que a muitos se afigurava aéreas grimpas de fantasia, quantos o foram e vão tomando como sólido material de alicerce!

Mais do que foi, Antonio Sardinha é; mais do que já é, êle há-de ser. — Que maior acção? que maior fortuna? que maior glória?

O Portador de ideias tombou a meia jornada; mas, nem por tamanha desventura, a ideia deixará de chegar ao seu destino, na inicial pureza, da sua essência, na incontestável, esplêndida, nativa e triunfante virtude do seu lusismo.

Ei-la em ascensão... Tôrre da boa Promessa, Tôrre da Saudade e da Esperança, que tão alto subia, (e, agora, por vontade, talvez designio de Deus) também nela deu (ainda para castigo dos homens!) o mal e a confusão de Babel? Desgraça nossa! Porém, além da Fôrma, — suas carnaís, fatais, contingências, dúvidas, torções, desvios e marteladas, — o Espirito persiste, íntegro e eterno. E, ao supremo e inspirador momento, o verbo, Alma de Portugal, fará a Conciliação, pronunciando a sentença justa: a pacificante e redentora Palavra que já anda erguendo luminoso, seguro e divino Vôo por entre as tristes e desgarradas penas dos portugueses. — Assim seja!

Dia de Reis, 1930, Quinta do Belinho — Espozende

Antonio Correia d'OLIVEIRA



INSCRITO NAS PEDRAS, SAGRADAS DE CIVISMO, PORTUGUÊS, DO AQUEDUTO DE ELVAS, O NOME DE ANTONIO SARDINHA FUNDIU-SE PARA SEMPRE NO PRÓPRIO ESPIRITO DE PORTUGAL, E ÊSTE DESTINO HERÓICO DA SUA ALMA, Q̃ A MORTE LHE CONFERIU, TORNOU-A PARA SEMPRE BELA E VIVA.

Antonio Sardinha

FUI condiscípulo e amigo de Antonio Sardinha, seu companheiro numa das últimas gerações académicas que souberam aliar num alto grau, a um férvido culto pelas ideias um forte amor de acção social.

Assisti ao desabrochar naquêle seu espirito de um dos talentos mais formosos e sugestivos que tenho conhecido e à polarização dêsse talento sob as formas mais variadas, dêsse a poësia, em que foi príncipe, até à critica literária e historico-social, em que foi guia brilhante e sedutor de uma mocidade, como êle, ávida de verdade e de regeneração moral.

Como poeta, como prosador elegantíssimo e original, como crítico e ensaista de um invulgar poder de sugestão, que era ao mesmo tempo o éco exterior e sempre vibrante de uma alma nobilíssima, a transbordar de fé, de uma forte e simpática personalidade, a geração de António Sardinha orgulhase — orgulhamo-nos, justificadamente — de ter tido nêle um dos mais altos valores da nossa mentalidade académica, que ainda aí está.

E, ao passar mais êste aniversário da morte do companheiro illustre d'outróra, eu experimento ainda hoje e revivo, com o coração penalizado, o mesmo sentimento que me provocou a noticia brutal do seu desaparecimento, há 5 anos: — a dolorosa saudade do amigo; e a mágoa pela perda irreparável, que sofreu a cultura nacional, dêste combativo inteligente, dêste lutador de ideaes, dêste forte agitador de ideias.

A cultura dos povos afere-se pelo número e qualidade dêstes homens, em todos os campos sociais; e o pôsto deixado vago pela morte de Sardinha, — ai de nós, homens de boa-fé! — não foi ainda ocupado.

Cabral de MONCADA

a proposito da Historia de Portugal

SE alguma coisa ha profundamente aviziada, *gafada*, como dizia Camillo, é a enorme série de obras que pejam as livrarias com o nome de Historia de Portugal.

Alguns porque escritos em época antiga, em que a crítica histórica, e o estudo das fontes não merecia dos escritores a consideração que lhes é devida, outros por serem completamente dominados por um espírito de sectarismo que desvirtua os factos, outros finalmente por seguir métodos hoje obsoletos. Quantas vezes conversámos sobre este ponto, o Dr. Sardinha e eu? Quantos pontos de contacto encontrava no seu modo de pensar? E se a sua morte foi e é pranteada pelos amigos e pelos correligionarios politicos, eu considero-a uma desgraça nacional, por ter desaparecido uma das penas que julgava com maior competencia para fazer a revisão da nossa historia e dar-nos um livro que substituisse tantos outros que embora de mole e com esplendidas illustrações derramadas a êsmo por paginas primorosamente impressas, não correspondem ao ideal duma historia nacional. E vejamos porquê.

Numa crítica duma obra historica, que tem valor como documentação, cita o Dr. Sardinha uma definição da historia, dada pelo actual pontífice reinante, quando ainda ocupava o logar de prefeito da Bibliotheca Ambrosiana: «Tal como as linhas resultam de pontos, assim os grandes traços historicos duma época e dum paiz, não nos podem ser dados duma maneira verídica e eficaz, senão por aquelle que, tendo debaixo da vista uma grande soma de detalhes, saiba fundir esses detalhes numa síntese luminosa e vital, relacionando-os com as causas de que derivam e com as leis que os regulam».

Tendo este conceito da historia deante dos olhos podemos percorrer a série de publicações historicas mais ou menos celebrizadas entre nós.

A primeira serie é: género Frei Bernardo de Brito, a historia inventada, certamente com um fim patriótico, mas que não merece ao leitor a confiança que nasce da verdade. Os nossos Chronistas não fizeram assim, foram verídicos, foram realistas, como Fernão Lopes, Gaspar Correia. Mas mesmo neste género de literatura quantas decaências?...

O Gongorismo trouxe uma pleiade de escritores-panegiristas, modelo Jacinto Freire de Andrade, fabricantes de discursos pomposos, que ainda hoje nos deleitam e quasi entusiasmam, mas que tem o defeito de serem fabricados pelos autores.

Segue-se o obscuro periodo que precedeu e seguiu a Dedução Chronológica, a maior peste que devassou o campo historico, acervo de falsidades, bebidas inocentemente pela quasi totalidade da nação, cujos

efeitos ainda hoje perduram e são a causa principal da estranha mentalidade mesmo de pessoas que se dizem e são cathólicas...

O Liberalismo, francamente anti-romano, filho do espirito iconoclasta da revolução francesa, em vez de corrigir os efeitos do pombalismo, exacerbou-os, produzindo livros cuja analyse está sufficientemente feita, como a Historia de Portugal, de Pinheiro Chagas, ou os compendios de desfigurações históricas como o celebre Dr. Minerva, executado desapiedada mas justamente por Manuel Bento de Sousa.

Dois vultos se erguem da triste multidão dos mediocres historiógrafos: Alexandre Herculano e Oliveira Martins. Aquelle, irritado por polémicas talvez inoportunas, certamente mal encaminhadas, perdeu a serenidade que distinguia os seus primeiros livros. Oliveira Martins morreu quando precisamente acabava de se libertar dos preconceitos em que fora educado: na sua auto-formação. Nos nossos dias Gama Barros deixou resultados definitivos, preciosos para o futuro historiador.

E assim continuamos a ouvir repetir o que ja se sabia, numa linguagem mais ou menos difusa, imprecisa, tímida, em que os auctores parecem terem perdido a originalidade de pensamento, para accumularem mais ou menos confusamente documentos e observações que dão aos volumosos livros um aspecto de arquivo mal ordenado, em que o arquivista se tornou sceptico, não sabendo qual a opinião que deve abraçar, inclinando-se muitas vezes a esconder a sua maneira de pensar, por ver escrito ou affirmado o contrario em numerosos autores, que no fundo são discos a repetirem o mesmo original.

Contra esta ordem de coisas ninguem havia mais apto a terçar armas do que o nosso saúdoso Dr. Sardinha. Provam-no os artigos profundos e cheios de coragem em que se faz o trabalho preliminar das Rectificações Históricas necessarias, ilibando personagens caluniados sistematicamente, como D. Fernando I (e eu me penitencio por ter ido na corrente dos que nelle só vêem defeitos), D. João VI, D. Miguel, D. Carlota Joaquina, ou destruindo com justiça os nimbos de santidade com que nos foram apresentadas figuras como a de Ignês de Castro, Gomes Freire etc...

Tinha o Dr. Sardinha a preparação necessaria para se abalançar a essa revisão da Historia Nacional, tinha elementos já reunidos, tinha livros, tinha colaboradores, que o ajudassem a fazer luz sobre determinados periodos da historia, como as origens do Christianismo na terra lusa, tinha ideias claras sobre as origens étnicas da raça, em fim nada lhe faltava para cumprir o que eu julgava e lhe dizia repetidas vezes: *a missão de rectificar a Historia de Portugal*. Deus não lhe deixou realisar tal missão. Não lhe faltou o mérito de a querer executar, a nós é que nos faz falta um livro, que seria *o livro da historia nacional*.

Janeiro de 1930.

P. Valerio A. CORDEIRO

o estilo de Antonio Sardinha

O estilo de Antonio Sardinha oferecia, a principio, os seguintes aspectos: muito culto da fórma, conceitos engenhosos, bastante rebuscamento de termos, mediano poder substancial. No verso, era nitidamente parnasiano. Na prosa, acusava muito mais o amor da eufonia e do burilamento precioso do que a precisão, a limpidez, vigor sadio. Quando descritivo, lembrava fácilmente a linguagem dum simples amator. Quando didático, era mais difuso do que sóbrio, mais vago do que definitivo, mais caprichoso do que metódico.

Faltava-lhe a vitalidade magnífica dum ideal superior, e sobrava-lhe a capacidade verbalista que atende mais aos efeitos plásticos do que a pura vibração espiritual.

Faltava-lhe, enfim, a verdadeira originalidade, embora superabundassem nêle rasgos de novidades formais, audaciosos conceitos, imagens intensamente poeticas, mas sempre de mediano alcance filosófico.

Era um dos muitos estilos que desmentem a definição aristocratica de Buffon, porque na linguagem de A. Sardinha — logo se via — não estava o *homem*, estava a sua vestidura, mais ou menos cuidada e primorosa.

Era, numa palavra, o estilo dum liberalista com acentuado pendor para a arte pela arte. Comovia menos do que chispava; ensinava muito menos do que distraía. Dava ideia duma habilidade próxima do bom talento, mas pouco nos dizia duma consciencia firme e dum senso estético superior.

Conceitos, em vez de ideias. Sensações, em vez de sentimentos. Devaneios, em vez de principios. Pouca profundeza na análise, e leveza excessiva na síntese. Muitos andares, e falta de alicerces sólidos. Muitos vocábulos e poucos termos. Muitas ramagens e poucos, ou nada nitidos, frutos.

Em tudo uma névem — ou uma dúvida, ou uma indecisão, ou um simples paradoxo. Ultra-romantismo, embiocado em realismo. Cultura extensa, mas sem a disciplina que dá a intensidade fecunda. Emfim, uma erudição vasta, mas com demasias de superfluidades ou de expedientes decorativos. Numa palavra: um estilo para atraír curiosos, para dar pasto a diletantismos, quando muito, para demolir sem reconstruir, para incendiar sem iluminar.

Era o estilo da epoca, estilo que pedia uma fita na lapela, lunetas com

aros d'oiro, sapatos de polimento, corrente com berloques, tropos e enfa-
zes, a alternarem com impossibilidades artisticas, inundadas de neologis-
mos bárbaros e de requintes hiperesteticos, falsos na eclosão e nulos de
finalidade.

Mas em tudo isso havia lampejos, que o vulgo não descortinava: ansias
do espirito para voar, frémitos do coração para viver livre, crispações dos
nervos, para agirem dentro duma consciencia perfeita. Porque não tinham
tido êsses impulsos o poder de transformar o vocabulismo em linguagem
pura e viva, substancial e límpida? Porque o espirito não encontrara ainda
o seu rumo, a orientação filosófica que o satisfizesse, nutrindo-o, iluminando-o,
alteando-o. Debalde o coração palpitava. A amargura mental sufocava o
verdadeiro sentimento. Debalde a vontade aspirava a uma soberania incon-
fundível. Os êrros liberalistas transviavam-na, e assim, em vêz de haver uma
expressão profunda, sentida e criadora, fogacheavam apenas vislumbres da
verdade e da boa arte, relampagos confusos dos temporais que fustigavam
uma consciencia deformada pelos preconceitos e pelos maus habitos.

Eu creio que A. Sardinha sofreu muito nêsse tempo, porque, por mais
despóticas que fôssem as ferropéis que lhe oprimam o espirito, palpitava
naquela grande alma um genio libertador e reconstrutor, cheio de angustias,
de crueis auto — análises, e até de desesperos homericos. E foi decerto êste
sofrimento — muito mais do que os incidentes duma inspiração, mais ou me-
nos súbita — quem emancipou o talentoso artista e dêle arrancou o verda-
deiro poeta, o verdadeiro pensador, o Mestre.

No dia em que A. Sardinha pôde erguer o espirito acima da letra e o
sentimento acima da sensação, avistou superiormente os principios e logo
teve a justa intelligencia dos factos. Quem fêz o milagre? Carlos Maurras?
Fustel de Coulanges? Saint-Yves d'Alveydre? Dom Besse?

Não, foi a consciencia de Antonio Sardinha, ao procurar uma finalidade
nova e lógica, um destino útil e alto, uma sociologia deveras scientifica, tão
elevadamente humanitaria, que não podia deixar de resultar ardentemente
religiosa, patriótica e sinarquista.

E, encontrado o seu ideal, revigorado embora pelas lições dos grandes
tradicionalistas estrangeiros e nacionais, A. Sardinha encontrou o seu verda-
deiro estilo, estilo de Apóstolo e de combatente, de pensador e de poeta
novo, com raras regressões ao vocabulismo exhibicionista, poderoso de vida,
de movimento, de paixão, de fé enérgica, de desafectado e irresistivel senti-
mento.

O Mestre pelo espirito tornou-se Mestre pela letra. O cínzel obedeceu

POLITICA

á crença. A eufonia subalternizou-se diante da ideia. A sensação disciplinou-se para que o sentimento a purificasse e elevasse e depois a consolidasse. Os nervos obedeceram á fé e á razão, em vês de servirem de tortura e capricho.

Dissiparam-se os circumloquios, as metáforas esforçadas, as ostentações de erudição, cheia apenas de pompa e ruído.

O ego-centrismo evaporou-se e porisso o estilo, rijamente combativo pelas ideias, só de passagem feriu demais os homens, as sombras que passam, as figuras que o tempo converte em simples rugas na face da Humanidade.

O estilo de A. Sardinha agora *fica*, é precizo sem ser árido, é rico sem ser pletórico, é elegante sem ser pretencioso, é vernáculo sem ser purista, é elevado sem ser gongórico.

Poderá ter deslizes, mas as máculas são logo submergidas pelas *fáculas*. Poderá aqui e ali ser muito ondulado em prejuizo da simplicidade dialectica, mas, em geral, admiravelmente equilibrado, imaginoso sem pender para o sofisma, conceituoso sem descambar na afirmação ou no pedantismo, é um estilo inconfundivel na correcção, na côr, na transparencia, no poder suggestivo, na intensidade, na graça, na vida.

Vigoroso, mas fidalgo, na ironia, magestoso, mas fluente, no recorte, cheio de nervos e feliz no meio-termo, o estilo de Antonio Sardinha é eminentemente português no tom, na sintaxe, na vernaculidade e, comtudo, nem se turva com arcaismos nem se apedanta com purismos, nem se enlanguesce com pieguices contemplativas nem se brutaliza com impetos de meridional passionalismo.

Estilo de ideias e estilo de sentimentos, estilo dum pensador-poeta e dum artista, que é grande sociólogo, grande patriota e grande crente, reflecte a rigor o alto espirito que era A. Sardinha, a principio tão transviado e falsificado, e depois tão radiosamente livre e tão incomparavelmente fecundo, tão colossal, que excede muito o seu meio e o seu tempo.

José AGOSTINHO

ANTONIO

SARDINHA

D'ENTRE os inúmeros amigos do malogrado Mestre e animador, fui um dos poucos que o viram a última vez que êle esteve em Lisbôa, pelo tempo do Natal. Almoçámos no Borges, onde o achei tão bem disposto, tão vivo, com aquela claridade fluídica que êle parecia irradiar quando se expandia, que me custava crer na sua morte, semanas depois. Não pertencia por afinidades ideológicas à pleiade brilhante que o cercava: tínhamos apenas de comum a mística católica considerada por ambos a maior impulsão que deve actuar na obra de renascimento moral e social; isso não obstava, porém, a que Antonio Sardinha se me abrisse como a camarada de luta, por febre e exaltamento, por flamejante irrupção dêsse idealismo em que sua alma vibrava e ardia com fé igual à que tinha em Deus.

Fé religiosa, fé política, eis as duas pétalas do lis perfeito que êle foi; entre elas subia, como em certos motivos góticos, a lança aguda da sua combatividade de paladino d'outras éras. A poucos é dado possuir esta dupla força inspiradora, num mesmo nível e num potencial alto. Assim os ideais manquejam e arrastam, sem vigor que os fortaleça nem afôgo que os erga na ascensão gloriosa do triunfo.

8-1-930

Manuel RIBEIRO

a homenagem de

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Supponho que não se poderá apontar, em toda a historia do pensamento português, outra influencia mais profunda sobre a juventude, que a de Antonio Sardinha. Foi verdadeiramente, em certo momento, o theórico da reacção contra o revolucionarismo liberal e da revisão critica da moderna historia nacional. E o seu pensamento, impregnado de paixão e combatividade fez-se corrente politica de acção.

Passaram cinco anos sobre a sua morte, sobrevinda quando o seu espirito não percorrera ainda todas as etapas da maturidade plena, da universal sympathia, do proprio exame consciencia. Mas o mundo não se deteve e o horizonte confuso da post-guerra começa a clarear e deixar entrever as características dos novos tempos, que têm já um estylo politico proprio, como o arranhaceus e o foot-ball typisam o gosto esthético. E eu pergunto: que destino reservam as circunstâncias da historia futura, proxima futura, ao pensamento de Antonio Sardinha? Em qualquer caso elle será bem representativo dum momento da consciencia civica e attestarà um dos mais nobres esforços de interpretação do nosso seculo XX.

Em mim, perdurará inalterável o respeito do seu talento constructivo, audaciosamente constructivo, em mim que não sou adepto de nenhuma corrente política ou forma de governo e que tambem me applico a decifrar o rythmo dos tempos, mas sem a armadura dum systema, antes á luz discreta dum renanismo impenitente, que imprimiu sello indelevel aos que o professaram com animo sereno.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1930.

Fidelino de FIGUEIREDO

um episódio

NO dia 11 de Dezembro de 1917, a *Monarquia* publicava uma local, intitulada *Agatão Lança* em que se exaltava a acção heroica deste guarda-marinha, ao bater-se contra as tropas de Sidonio Paes, no recontro famoso do Largo do Rato. Na mesma edição daquele diário, sob a epigrafe *Em desacordo*, censurava-se que na parada militar do triunfo, desde a Rotunda ao Terreiro do Paço, fôsse incorporado um grande contingente de Marinha, cujas praças marchavam desarmadas, a chorar de desespero pela derrota e mais ainda pela humilhação a que se viam expostas, no meio das aclamações ao chefe vitorioso.

As duas locaes eram da autoria de Antonio Sardinha.

Estavamos a três dias da vitoria, para a qual tinham oferecido a vida debaixo do fogo, alguns amigos nossos, militares e civis, menos levados por impulso idealista do que por bem ou mal entendidos deveres de camaradagem e de protesto.

Em tal momento de exaltação, aqueles testemunhos de independencia e de coragem, não eram isentos de perigos. Bem o sabia Antonio Sardinha, bem o compreendiam os companheiros a quem ele comunicára a resolução do seu protesto que era o de todos nós.

Por outro lado, semelhante atitude no jornal que mais violentamente combatia as quadrilhas politicas, expulsas do poder pela espada de Sidonio, apparecia inexplicavel ao facciosismo perfumado do Club Tauromáquico e ao ódio ululante dos republicanos do Calhariz que a bota de Afonso Costa até ali arredara do governo.

Um destes, médico afamado que envelhecia pelas esquinas á espera de ser diplomata, com ira e espanto seu dirigia uma interpelação irónica, ao vêr-me passar no Chiado nessa tarde de inverno: — Queria que lhe dissesse se a *Monarquia* ficara sendo órgão do Partido Democrático, depois que a revolução o afastara do poder.

Respondi eu que, não sendo da minha pena, como ele julgava, as duas locais escandalosas em que se admirava a coragem mal empregada de um português e se defendia o brio de marinheiros que por terem ficado vencidos, não mereciam ser ultrajados — com o seu autor ali me solidarizava para qualquer espécie de responsabilidade; e que o jornal a *Monarquia* não se considerava mais digno de ser órgão do partido democrático do que do partido dele ou dele proprio, porque era contra todos os partidos, como expressão livre da consciencia e das convicções de quem o redigia.

E no mesmo instante voltei costas ao illustre cavalheiro.

Recordando este facto, entre tantos que poderia referir, pretendo divulgarlo como exemplo da isenção e da generosidade politica do nosso querido companheiro morto a quem a levandade critica dos cafés é capaz ainda agora de culpar de cega violência ou de ódio sectário com adversários, nos quais ele, com tão nobre espontaneidade, reconhecia o valôr e a fé sincera.

Hipólito RAPOSO

por terras de Hespanha

...avivava eu ainda há pouco a memoria de Antonio Sardinha, em longas caminhadas de planície e de montanha, de povoação e de des-campado.

A sombra do amigo, que partiu mais cedo, me acompanhava nos lugares que me recordavam passeios comuns, Toledo, corte de saudade em magnificencias do passado, o cerro de Los Angeles, vulcão de amor divino iluminando o futuro.

E ao ver em Sevilha o magnifico espectáculo, de rara beleza social, da exhibição cultural de todas as nacionalidades que o genio civilizador da Peninsula chamou à existencia, eu relembrei Antonio Sardinha hispanista e fantasiiei o que poderia ter hoje de fecundo a sua acção, neste momento historico de glorificação peninsular; e até o que poderia servir à alta opinião política hespanhola o seu agudo e intemerato criticismo contra certas relucancias de *sanchopancismo*, que em vez de se restringir a serviçal escudeiro de um alto ascetismo militante, se revela e quere dictar leis, leis, por certo, constitucionais e parlamentares...

E, assim pensando, a memoria do amigo corporisava-se na presença misteriosa do amigo, doce e dolorosa, com toda a complexidade do enigma do seu destino quebrado e o impotente prescrutar nosso do plano divino; ali o sentia presente e eficaz na sua presença, mas presença por detraz das nevoas da morte, presença, porem, talvez mais intima que as presenças da vida, tão cheia de superficialidade e de equívoco...

Que pensarias tu nesta volta da estrada social onde nos encontramos? Qual a formula do teu fecundo ideario neste momento historico?

Que formas novas encontrarias para dizeres as cousas sempre as mesmas do acto de fé que te fazia o servidor da verdade religiosa, da nacional?

Na predestinação bemdita que eu julgo foi a morte de Antonio Sardinha, eu vejo-o na gloria da sua alma salva, no Ceu. E é assim que ao avivar a sua memoria e ao querê-lo junto a mim como um companheiro, como um guia tanto mais seguro quanto agora juntaria ao seu genio terreno as transcendencias da transfiguração de Eleito, a sua sombra me responde de uma maneira que a principio me decepciona, mas que ao depois eu reconheço legitima e salutar.

Aparece-me glorioso, sim, mas tambem humilde.

Como a ensinar-me que a virtude da humildade não desaparece no Paraizo e que a visão de Deus destroe os proprios sinais do orgulho humano. E, humildemente (mas humildade que eu sinto descer de tão alto) ele me ensina que o culto dos mortos é a propria religião, pois Deus está entre os mortos que são os verdadeiros vivos; e ele, que verdadeiro vivo se tornou pela morte, se é nosso guia, o é com toda a multidão dos Vivos de Deus, com o proprio Deus, um astro entre miriades, desse firmamento do espirito, para que a sua palavra orientou os olhares da sua geração. Sombra luminosa e benefica, não vem junto de mim testemunhar dum destino tragico, pagãmente fatal, mas vem dizer-me que ao partir, deixou Deus connosco e a sua alegria e a esperança de que a paz nos será dada como a homens de boa vontade. Não é dele já que pode vir a voz do comando, ou o conselho animador e luminoso; mas a sua presença toda sobrenatural realisa-se com a humildade de quem partiu, como que voluntariamente, para um mundo onde as mais nobres ilusões se confessam ilusões e deixam na mão de Deus a sua nobreza; e ele mesmo, recusando o comando, nos diz que temos a soberania da nossa vontade, e somos os protagonistas do nosso livre arbitrio e que de nós dependem os sucessos, da nossa boa vontade com a qual, porem, está o Verbo, como está em todas as cousas positivas e boas, com tudo o que verdadeiramente existe.

Como eu o evoquei nessa peregrinação pelos jardins de Hespanha e pelos seus desertos, evoquemos todos nós o camarada, o chefe, o amigo que partiu: não lugubrememente, com o sensual pseudo idealismo dos que evocam os mortos, depressivamente, com uma certa e horrivel volupia da morte e do aniquilamento, mas alegremente, cristãmente, como aqueles que acreditam na Vida Eterna e no Anjo de Misericordia que guarda as suas portas inviolaveis.

José Pequito REBELLO

uma carta de

ALBERTO DE MONSARAZ

Meus bons amigos :

AUSENTEI-ME de Paris nas vésperas de Natal e só regressi no dia de Ano Bom.

A vossa carta aguardava-me na *Fust*, mas encontrámo nos fóra de horas e, por isso, a resposta não é a que deveria sêr. Desculpem-me esta falta involuntaria.

A vossa homenagem a Antonio Sardinha — à qual sem este contra-tempo, tanto gostaria de haver-me associado — é da mais indiscutível oportunidade. Impunha-se neste momento em que, por honra nossa, vemos levantar-se, ao lado da descerebrada mocidade hespanhola, uma geração admiravel de portuguezes, cheia de fé e daquela poderosa energia ideológica que vence todos os obstáculos e garante todos os triunfos.

Foi Antonio Sardinha que encarnava o remorso da nossa Historia, o grande galvanizador dessa juventude, consciente dos erros cometidos e da necessidade de repará-los, sacrificando-se. Portugal desperta da sua triste agonia por tê-lo ouvido tocar a rebato. Que prodigioso carrilhão!

A Hespanha vae conhecer uma nova época de anarquia, visto querer regressar aos meados do seculo XIX quasi em meados do seculo XX?

Sejamos fortes e será possível então — de novo árbitros da Península como antes de Toro — essa aliança peninsular que Antonio Sardinha visionou.

Espero em breve poder regressar ao «bom combate».

Estreita-vos apertadamente ao coração o vosso muito amigo. etc.

Alberto de MONSARAZ

uma “plataforma”

SABE-SE o que é uma «plataforma». Ha disso nos electricos e... na politica! Nos electricos, é um pequeno recinto onde, de pé, gente da mais vária condição, estatura e pêso, se comprime e acotovelá, enquanto não ha... «logares sentados».

Na politica, por analogia, vem a ser... a mesma coisa: uma combinação, um arranjo, um pacto, dentro do qual se arrumam as mais diversas tendencias, mentalidades e aspirações, em rancorosa fraternidade, enquanto não se conquista o Poder.

Desde o malogro do celebre Pacto de Paris — uma plataforma! — têm sido tantas as tentativas do género junto do Integralismo Luzitano para a chamada união da Causa Monárquica, que não ha memoria capaz de as recordar todas e muito menos de as enfiar na sua ordem cronológica! Para dar prova de longanimidade, exercitar a paciencia e tolher o passo a intriguistas e maledicentes, a Junta Central acolheu sempre as «plataformas» com uma urbanidade tão perfeita, quão perfeita foi sempre a sua convicção sobre a inutilidade dos esforços nelas empenhados.

Antonio Sardinha detestava profundamente essa espécie de *sport* da ociosidade politica.

Não podia ouvir falar de «plataformas» nem de «platafórmicos» — como ele chamava aos inventores e proponentes de fórmulas de entendimento entre o liberalismo decrépito e o nacionalismo juvenil. Duma vez, porém, — aquí o registo para a Historia, — Antonio Sardinha, num momento de bom humor, quiz prestar-se a *negociar uma plataforma!*

Fôra-nos feita a proposta por um titular, herdeiro de um nome illustre na bibliografia integralista. Oferecia gentilmente a sua casa para a entrevista.

A's 5 horas da tarde, de certo dia, aguardar-nos-hia ali o representante do Sr. D. Mannel de Bragança.

Como plenipotenciarios do Integralismo, fomos os dois — Antonio Sardinha e eu.

Pelo caminho, na expectativa de uma discussão de princípios, de um, porventura interessante, debate de ideias, qualquer de nós engatilhava os seus argumentos, dispunha as teorias em linha de batalha, para, ao primeiro embate, esmagar o homem. E, de duas uma: ou ele se rendia e aceitava como base da «plataforma» a Verdade politica por nós proclamada e defendida, ou nada feito!

Chegámos ás 5 horas precisas. O alto representante de Sua Magestade tinha-nos precedido uns minutos. Após os cumprimentos, com a maior decisão, foi direito ao fim, o seu fim, que era muito simples:

«conseguir a união de todos os monárquicos, custasse o que custasse, para derrubar a republica. Em seu entender, mesmo, a queda da republica resultaria logicamente, fatalmente e automaticamente d'aquella união. Apelava portanto»...

— Tudo depende — entendi em observar — de uma definição de principios...

— Perdão! — volveu-me com nervosismo o nosso interlocutor — Nada de principios, nada de ideias, nada de doutrinas. União, união pura e simples de todos os monárquicos, sincera, verdadeira, guardando cada um para si o seu modo de pensar, os seus pontos de vista particulares, e a republica não sobrevive tres mezes, um mez, quinze dias!

Surprezo, apelei com o olhar para o meu companheiro, o autor do «*Ao Principio era o Verbo*» (... «confessar o Verbo ao principio de todas as coisas, é confessar o Espirito dirigindo o Mundo, é confessar a intelligencia encaminhando a acção!») cedendo-lhe a honra do combate no momento em que, mais do que a mim, a ele cabia, na certeza de o vêr explodir, espatifando o adversario, que assim tratava com tal desprezo a intelligencia, o Espirito!

Nova surpresa, porém, para quem como eu conhecia o temperamento do querido camarada e Mestre!

Imperturbavel, Antonio Sardinha, ageitou na órbita o monoculo e retorquin-me, muito manso: — Deixe ouvir!

Fortalecido por este interesse, o alto representante de S. M. iniciou o desenvolvimento da sua tésese: — Ideias só servem para dividir, doutrinas só servem para complicar. O país não pode esperar um acôrdo de ideias. Juntemo-nos todos, derrubemos a republica e depois se verá! Matemos primeiro o urso... etc., etc.

Durante o discurso que foi enorme, varias vezes tentei intervir. Sardinha, cada vez mais calmo, mais sério, mais atento, continha-me com um gesto e com as mesmas palavras: — Deixe ouvir!

Ouvir, ouvimos, eu cada vez mais impaciente, Sardinha cada vez mais sereno!

O orador terminou por um apelo caloroso ao nosso patriotismo e á nossa fé monarquica.

Tendo terminado, erguemo-nos para nos despedirmos, eu sem dizer palavra, morto por me vêr na rua: Antonio Sardinha — estou a vê-lo! — para dizer, com o ar mais conselheiral deste mundo: — Ouvi V. Ex.^a com toda a atenção e com o maior prazer. Vamos vêr o que é possivel fazer-se. Com o maior interesse e boa vontade vamos conferenciar com os nossos amigos. Depois daremos uma resposta a V. Ex.^a. Sempre ao seu dispôr.

E, já na rua, tomando-me o braço: é isto, meu caro. São almas de outro-mundo!

Lisboa, 10 de Janeiro de 1930.

Afonso LUCAS

algumas palavras sobre

ANTONIO SARDINHA

NÃO me é possível associar-me como queria á bela homenagem prestada hoje, aqui, a Antonio Sardinha. Recebi demasiado tarde, já nos fins de Dezembro, ao regressar do Extranjeiro, o atencioso convite dos directores da «*Política*». Nunca me negaria, no entanto, a prestar mais uma vez a homenagem da minha saudade ao grande paladino das ideias tradicionalistas. Tenho o feito, quasi todos os anos, desde 1925, nos varios jornais e revistas onde colaboro. Como faltaria, pois, este ano ?

Vejo-me, porém, obrigado a contribuir apenas com alguns descoloredos logares-comuns para o numero especial desta revista. Logares-comuns que só teem o valôr de serem escritos de todo o coração — e com o fim de levar, além fronteiras, uma justa, embora resumida, imagem de Antonio Sardinha.

Nos principios dêste ano, pediram-me um volume para uma coleção portugûesa que se está lançando em Madrid. Esse volume devia dar uma sintese expressiva da historia, do desenvolvimento, dos valôres culminantes do Nacionalismo Portugûês. Recorto, dessas páginas ainda inéditas, o rápido perfil de Antonio Sardinha que tracei para o publico espanhol.

Depois de citar a lista numerosa e admiravel dos grandes mestres da nossa Contra-Revolução durante o absurdo seculo XIX, chego enfim ao instante decisivo da proclamação da republica. Transcrevo agora essa passagem do capitulo inicial do «*Nacionalismo Portugûês*» :

«A obra demolidora e anti-nacional da *Carta* de 1826 mascarava-se ainda com os prestigios da Realesa. E, embora muitos soubessem compreender que essa *Carta*, feita por brasileiros sôbre modelos ingleses e franceses, era a negação das leis primaciaes do organismo portugûês, que ela era a verdadeira *Caixa de Pandora*, como lhe chamára Oliveira Martins — a maioria deixava-se embalar pela falsa apparencia de segurança e prosperidade que as iniciativas de fomento lhe ofereciam. E as-

sim se foi deslizando, num insensível fatalismo, para a republica democratica — instaurada em 1910 sôbre a decomposição lamentavel duma fragil «monarquia sem monarchicos» . . .

Atravessou-se, então, um periodo terrivel de perseguições, de vinganças e de rapinas. As quadrilhas demagógicas punham o paiz a saque. Obedecendo ás direcções da Maçonaria, agrediam especialmente a Igreja Católica e a nossa religião tradicional; expulsavam as Ordens Religiosas, exilando ou assassinando sacerdotes, e assim completavam o ciclo aberto pela impiedade dos homens de 1834; mostravam-se, em resumo, os adversários naturais de tudo o que significava a essencia da vida nacional e da sua expressão histórica.

Evidentemente, ao assalto das quadrilhas, respondeu a expontanea reacção da consciencia portuguesa. Primeiro, através das heroicas mas fracassadas tentativas de Henrique de Paiva Conceiro, paladino militar da Monarquia, lendária figura que recorda um Condestavel medievo isolado entre os pigmeus do nosso tempo; e, depois, através da cruzada intellectual dos reaccionarios das gerações novas. Foi em 1915 que se ouviu o primeiro toque a rebate, nas conferencias da Liga Naval, realisadas pelos fundadores da «*Nação Portuguesa*», primeiro orgão do *Integralismo Lusitano*. Essas conferencias foram reunidas no volume *A Questão Ibérica*, e nelle encontramos os protagonistas dominantes da nossa moderna Contra-Revolução.

Iniciemos a lista por Antonio Sardinha, o mais ardoroso condutor do *Integralismo Lusitano*, cuja obra magnifica é bem conhecida: obra de revisão e reparação histórica; obra de definição e actualisação doutrinaria; obra de devoção nacionalista na critica das letras e nos seus próprios volumes de poemas. Antonio Sardinha emendou, com um fervôr de justiceiro, alguns dos erros criminosos com que os pseudo-historiadores liberais tinham encoberto a fisionomia dos nossos Reis. Proclamou, ao mesmo tempo, as verdades da doutrina monarchica, consagrada entre nós por uma experiencia e uma grandesa de séculos. Desde os lucidos e reconfortantes capitulos do «*Valôr da Raça*», a trajectoria do seu esforço não mais se quebrou ou afrouxou. Iniciada a publicação do diario «*A Monarquia*», sob a inteligente direcção de Alberto Monraz, a colaboração assidua de Antonio Sardinha foi a notavel revelação dum grande escritor politico e dum historiador de erudição inexgotavel. E' dessa colaboração que se formaram, mais tarde, os seus livros mais significativos: «*Ao principio era o Verbo*», «*Ao ritmo da ampulheta*», *Na Feira dos Mithos*, «*A' sombra dos porticos*», «*Da hera nas colunas*». «*Na Aliança Peninsular*», Antonio Sardinha defendeu a hipótese dum neo-iberismo que restituísse a Portugal o seu império cristão e civilizador. O longo prefacio que escreveu para a reedição da «*Historia e Teoria das côrtes gerais*», é um monumento de cultura e de análise reconstructiva. Além disto, é justo não esquecer o Poeta, tão cheio de amoroso transporte pelos motivos liricos da raça: o Poeta de «*A Epopeia da Planície*»,

de «*Quando as nascentes despertam*», de «*Na Corte da Saudade*», da «*Chuva da Tarde*». Morto prematuramente, na plenitude da sua maturação intelectual, Antonio Sardinha deixou vago um lugar que ninguém ocupará. Esse lugar é, sobretudo, o dum combatente exaltado, comunicativo, que nos legou os mais vibrantes apelos, os mais estimulantes brados de confiança no futuro da pátria, que os portugueses do Renascimento saberão erguer, de acôrdo com as leis da sua vitalidade eterna.»

Que posso acrescentar a isto? Unicamente uma breve reflexão. Em França, num dos anniversarios do desaparecimento de Barrés (alto animador nacionalista), um literato pretencioso declarou: «*Barrés s'éloigne*», querendo assim anunciar o crepusculo da influencia do Mestre nobilissimo. Agora mesmo, leio na *Revue Universelle*, a afirmação categórica de Henri Massis no sentido opôsto: «*Barrés se rapproche*»...

O mesmo poderemos dizer da influencia, da memória, do exemplo de Antonio Sardinha. Tambem o vemos, cada dia mais, aproximar-se, marchar comnôseo, unir-se á nossa campanha infatigavel. E quem não sentirá ao lêr o terceto inflamado da «*Epopéia da Planície*»:

... *O' Deus de Ourique, cumpre o prometido!*
Leva-nos contra os novos mussulmanos,
— nós somos livres, livre é o nosso Rey!

... quem não sentirá como esse grito de comando, lançado, no fragôr da luta, aos legionarios do Resgate, é cheio de contagiosa fé, e nos acompanha, de além-mundo, no alegre alvoroço da batalha?!

Casa da Fonte, no Ameal
 Ultimo dia de Dezembro
 1929

João AMEAL

+ o caracter do Mestre ✓

ABSOLUTAMENTE afastado do jornalismo e da politica por resolução que tornei pública e mantenho, com o que, diga-se de passagem, nada se tem perdido, bem dispensado me julgava de aceder ao gentil convite desta revista, se da memória de Antonio Sardinha se não tratasse.

Como já escrevi sobre a politica e a literatura do Mestre saudoso, e outros mais autorisados delas vão hoje falar, deixo aqui estas linhas em que exalto o seu caracter.

Um dos erros inerentes a todos os regimens é a mistura de mistica religiosidade com que os seus corifeus, sincera ou calculadamente, os canonisam, para que aos olhos de todos tais regimens pareçam impecáveis.

Ora este erro converte-se em fetichismo quando no ideal politico se quer ver uma graça imanente que santifica os partidarios, mal aceite a sua filiação. A politica ganha assim um poder que nem os sacramentos tem, porque enquanto nestes a graça se perde, pela infracção dos mandamentos, na politica bastou a filiação para que a *santificação* se mantenha.

Lembremos apenas tres frases que explicam esta afirmação:

«Onde está um republicano está um homem de bem.»

«Onde está um integralista está um homem inteligente.»

«Onde está um talassa, está um homem bem educado.»

Se numa bolsa, metesemos, em caracteres de chumbo, as letras que compõem estes três principios, baralhando-as, e as tirassemos de lá uma a uma, a olhos fechados, para as dispormos seguidas, á medida que elas fossem saindo, teriamos um rosario de sinais gráficos que, em lucidez e justiça, não ficaria inferior ás frases citadas. Quando este *fetichismo de*

coleira se instala num arraial político, entrou nele a peste. As tropas usam então, à maneira dos fariseus, nas costas nos braços e na frente, tiras de papiro com os principios, que lhe não penetram o caracter e a muitos deles nem sequer a cabeça.

Creio que é isto que os políticos indignos de todas as côres chamam salvar os principios, e como a graça do seu partido é mais forte que a dos outros, permitem-se os desvarios que não toleram nos adversários.

Eles são preguiçosos, cínicos amam o dinheiro e a crápula, podem mesmo ter refinados os defeitos dos contrarios, que lá está a graça imnente a cobri-los de santidade.

Ha gente desta em todos os regimens, mas onde eles são hilariantes é nos sistemas políticos que pretendem temperar o caracter nos mandamentos da Igreja.

Ora todos os que conviveram com Antonio Sardinha e dele receberam as suas cartas e as suas lições, notaram a sua apreensão — apreensão que era aliás a de muitos integralistas categorisados, de livrar o seu campo da peste, tanto quanto era possivel isenta-lo.

Sendo a graça divina um dom que Deus dá a quem escolhe, Antonio Sardinha como católico fervoroso, vindo dos arraiais anarquistas, não exigia sequer certidão de baptismo, não pretendia uma teoria de monges apertados em celicios, mas á sua alma de cavaleiro, repugnava-lhe a visão de uma politica em que os seus partidários fossem nos costumes como certos homens de politica a combater.

Sobretudo apavorava-o, a carta de talento que em Portugal se dava a toda a gente, e a facilidade com que até certos talentos portugueses se deixavam minar pela peste...

Não sendo minha intenção mostrar hoje até que ponto Antonio Sardinha e os seus companheiros conseguiram livrar o seu campo do morbus que a todos os campos políticos infectava; foquêmos aqui essa joia do caracter, a unica que pode ser engastada no talento.

Nenhuma cabeça mais alta, na geração moderna, nenhum outro que mais pudesse sentir a natural vaidade do predomínio e do mando, e, no entanto, como ele sabia abater-se e ser humilde!

Quantos factos, quantas lições de caracter eu podia aqui citar se não envolvesse desprimor para outros.

Cito apenas um, porque as almas dos personagens são iguais.

Ninguem, porem, me pergunte pormenores que não respondo.

Mal informado, um dia, Sardinha manda do exilio a Hipolito Ra-

4. poso uma carta tremenda, gravíssima, sobre uma determinada resolução. Hipolito Raposo que tem cabeça de brilhante e punho de aço, responde a Sardinha de maneira lial, mas também tão dura, tão nobre e intransigente que, por momentos, se tremeu!

4. Foram horas amargas! O que faria o Sardinha?... — pensava-se. A resposta veio pelo telégrafo: a alma prodigiosa de Antonio Sardinha vira o erro num relampago, e pelo telégrafo — pelo telégrafo! — pedia perdão!

E Hipolito Raposo em frente daquele telegrama — ele que é o unico temperamento de ditador que conheço ficou para ali, como se fôra um vencido, perante aquela humildade cristianissima de Antonio Sardinha que tanto o exaltou!

Quando um dia se fizer a historia do integralismo, se verá que ele nunca podia ser o que foi, sem estes dois homens de grande valor: Sardinha e Hipolito.

Outros houve, é certo, que por formosos talentos e sacrificios completaram a sua acção, e nem aqui os quero diminuir, mas apenas lembra-los, ao morto e ao vivo neste abraço de saudade, por tempos em que juntos andámos na defêsa de uma ideia. Não me arrependo dos serviços que lhe dei, nesses bons tempos em que os cavaleiros tinham no peito límpidas couraças onde viamos, claramente, o que eramos, o que pensavamos, o que sentíamos. Ainda hoje, nesta serra onde vivo como pastor das letras, quando o frio é maior e deito, como agora, no lume uma acha, estendo para a chama as mãos saudosas, a lembrar-me daqueles bons companheiros, vivos e mortos, cujas vidas são uma prova nobilitante de que as ideias só frutificam e valem quando os que as servem teem caracter.

Nuno de MONTEMÓR

problemas etnicos

as origens portuguesas em Antonio Sardinha

ENTRE os problemas ensaiados por Antonio Sardinha sobressai um dos que mais fundamente o preocuparam na sua tentativa de rectificação histórica: *as origens da raça portugueza, e com elas a formação da unidade portugueza*.

Desde o enciclopedismo romantico do sec. XIX fez moda e mania a rebusca das origens. Poderíamos hoje, com a multiplicidade progressiva das teorias, formar album curioso que demonstrasse a fantasia humana; é caso de aplicar a este labor intensivo de pseudo-ciencia o aforismo popular: — *de um argueiro um cavaleiro*.

Isso fez dizer ao Professor Mendes Corrêa, honestamente: «a despeito de um grande pecúlio d'acquisições feitas, o problema, longe de se ter resolvido, parece mesmo por vezes ter-se complicado». (*Homo, «os modernos estudos sobre a origem do homem», Coimbra 1921, p. 297*)

As origens da «raça portugueza», como todas as origens que o método evolucionista procura desvendar, tenta os investigadores. Uns, como Teófilo Braga, quizeram interpretar a seu belprazer influencias centrifugas de um núcleo occidental, em sentido — N. — E. e S.: era o tipo nacional a que Teófilo chamou *lusismo*: «que através de séculos de luta não pode confundir-se com o *iberismo* imperialista absorvente, apoiando-se sempre na associação local ou no municipalismo». Para ele «o *lusismo* reflecte-se nas tradições poéticas das Astúrias, da Estremadura e da Andaluzia, desde tempos quasi immemoriaes separadas arbitrariamente da Lusitania desmembrada pelos Romanos» (*Historia da Poesia Popular Portugueza, «Prefação» VI*).

A propósito, Menendez Pidal observa que «no mapa linguistico da Espanha do sec. XIII em diante os dois extremos dialectais ou sejam o leonês e o portugês a O. e o catalão e o aragonês a E. estão absolutamente isolados pelo castelhano que se dilata de N.-a-S. entre os dois grupos; mais antigamente, eles ligavam-se pelo Sul em Toledo e na Andaluzia, e aproximavam-se mais pelo Norte».

No campo da geografia, da arqueologia e da antropologia, depois de muitas hipóteses, muitos tentames, dos que ao problema geral Mendes Corrêa diz terem dado «largas a múltiplas especulações e a hipóteses das mais contraditórias» (op. cit. 296), conta a nossa bibliografia scientifica, e digamos das origens nacionais, com *Os Povos Primitivos da Lusitania* do mesmo Prof. catedratico do Porto; Mendes Corrêa (Porto

1924), e *Os Celtas e povos com eles relacionados* do Prof. liceal Alfredo Dias Pinheiro (Guimarães 1928, sobretudo da pag. 367 em deante).

O problema tentou Antonio Sardinha, em *O valôr da Raça* (Lisboa 1915), que apresentou por tese de concurso á cadeira de História na Faculdade de Letras de Lisboa. Este livro porém ressentese da precipitação com que foi feito, muitas vezes Antonio Sardinha se me queixou. Afirma erudição, intelligencia viva, apreensão fácil, architectura brilhante; mas, se é livro de formação nacionalista (ele proprio o subtitulou de «Introdução a uma campanha nacional»), e por isso digno de ser lido, não é por essas qualidades e virtudes próprias que fica sendo monumento de certa sciencia.

Se se tivesse fixado nos capitulos *O genio occidental* e *O espirito da Atlantida*, não como construção scientifica mas como quadro expositivo das nebulosidades lendárias do occidente, — e se tivesse expurgado no capítulo da *Teoria da Nacionalidade* as ligações que considera intimas entre o português e o *Homo Atlanticus* que no baixo vale do Tejo constitue o «*abstractum*» aborigine da população portuguesa», interpretando interpretáveis, — parece-me que o livro não perderia por isso interesse histórico, e teria ficado mais harmónico, mais atinente á intenção motriz. Assim, obra notavel na bibliografia portugueza da matéria, restanos mais uma tentativa de interpretação, aliás a primeira entre nós, em que se procurou relacionar o português com os primitivos habitantes do que Mendes Corrêa chamou «*O velho solar lusitano*» (*Os Povos primitivos*... pag. 5-cap. 1).

Mais á vontade se sente nos problemas de interpretação histórica da formação da nacionalidade. A vasta cultura histórica, o fácil e brilhante poder de exposição, iluminam-lhe o caminho á esplendida intuição que ele tinha para os problemas históricos, dentro dos quais se servia, como o matemático dentro das relações algébricas, de todo o material convergente desde o étnico demonstrado e do arqueológico averiguado ao linguistico, poético e documental.

Um exemplo. No ensaio *O Sul contra o Norte*, inserto em o livro *A' Sombra dos Pórticos*, (Lisboa 1927), insurge-se contra o dualismo português que vários AA. têm afirmado entre o Norte e o Sul de Portugal. Soube aproveitar-se de todos os conhecimentos da sciencia moderna para provar a unidade nacional dos portugueses.

Estas «*miragens eruditas*», ele assim lhes chamou (p. 13), tomaram aspectos diferentes: — *antagonismo étnico* em Oliveira Martins, Basilio Teles, Alberto Sampaio e Teófilo Braga; — *antagonismo geográfico*, do litoral contra o centro, da montanha (Norte do pais) e da planície (Sul) de Basilio Teles, afinal modalidade etnológica se; como no caso, tem por base diferenciação étnica ou caracterização social procedente do meio geográfico; — *antagonismo militar*, quando Alberto Sampaio considera o Sul do pais como produto simples da conquista do Norte, que se impôs ás populações a Sul do Vouga; — *antagonismo linguistico* e

antagonismo social, derivantes do primeiro e segundo antagonismos mencionados, sobretudo vincado em Basilio Teles, para quem o Norte era a «celula autóctone da Patria», rural, dado aos mestères e entregue ao comércio normal, e o Sul «arabizado e mercantilista», desequilibrado entre a produção, o consumo, e o transporte, vício púnico de mobilidade comercial.

Em opposição a este dualismo, Sardinha que não via atravez da nossa história o antagonismo medieval de Trezentos-Quatrocentos com o sec. de Quinhentos á quem, como queriam Basilio Teles (para ele o predomínio medieval do Norte foi batido pelo do Sul, mercantilista, periodo este em que «Portugal é um balcão») e Oliveira Martins (no sec. XV-XVI dominou o caracter púnico da cõrte manuelina, em sua hipótese), baseia-se nos depoimentos de Antón y Fernandiz e Giménez Soler, de Rocha Peixoto e Martins Sarmiento, para negar o semitismo dos Berberes. Para não alargar demasiado estas notas, não menciono as conclusões identicas a que têm chegado os investigadores que identificam arqueologica, antropologica social e glotologicamente Berberes e Iberos, sem afinidades púnicas (Otto Meltzer).

A' unidade afirmada por Martins Sarmiento, que vê, após a expulsão dos Arabes, «surgir desde o extremo do Algarve até o extremo da Galiza um povo uno, com o mesmo modo de sentir e de pensar, com a mesma lingua». (*Ora Maritima*, 2.^a ed. p. 161) reúne a unidade de lingua que «as populações cristãs do Sul do que veio a ser Portugal, falaram já, antes da reconquista do sec. XII, a mesma que as do Norte», na demonstração de Adolfo Coelho nas *Origens do português do Sul*.

Depois, a unidade de fé nas populações, sob o impulso activo e vivificador do cristianismo, ligada á unidade de lingua (A. Coelho), á uniformidade lirica (Ribera y Tarragó) que exprime unidade de sentimento entre o Norte e o Sul não indicam a unidade de raça? O mesmo fragmentarismo dos pequenos reinos, principados e valaiatos do sul, manifesta pelo seu espirito de rebeldia contra o dominio árabico a hostilidade das raças, que veio dar como resultado a relativa facilidade da reconquista do Sul, a qual comprehendemos melhor por factos de ordem etno-religiosa já citados: 1.^o parentesco ibero-berber; 2.^o opposição árabico berber; 3.^o unidade de raça, impulsionada nos elementos berberes pela hostilidade original contra o arabe, e nos elementos mosárabes pela religião, pela lingua, pelas tradições comuns aos cristãos do Norte, libertos já do jugo estranho.

Referindo-me ainda ao antagonismo denunciado pela conquista do Norte sobre o Sul (A. Sampaio), Antonio Sardinha reconhece a conquista a que logicamente chama «libertação», mas por isso mesmo regeita a explicação dessa conquista, baseada no dualismo do Norte cristão e do Sul mussulmano.

De Alexandre Herculano em deante no campo histórico, e nas investigações arqueológicas (monumentais, antropológicas, etnológicas,

POLITICA

linguísticas, literárias, artísticas), iberistas e arabistas, tanto peninsulares como transpirenaicos, convergem na prova da superficial influência semítica, e na força da unidade étnica das populações periféricas á meseta castelhana (confrontar Menéndez y Pidal, e Teófilo, no que fica dito), um grupo a O. sobre o Atlântico, outro a E. para o Mediterrâneo, com maior força coesiva o primeiro e mais liberto de influências extrapeninsulares. Foi a esta afinidade do Occidente que Teófilo chamou *lusismo*.

«Para o caso português, — diz ele, — a determinação do nacionalismo é a revelação de uma força latente, que, desde que se torne consciente, será um impulso de progresso e de energia» (*Hist. da Poesia Pop.*, p. VIII). E' a confirmação do pensamento de Antonio Sardinha, num espirito tão oposto na aparência.

Nada de lingua d'oc a um lado e lingua d'oïl a outro; nada de godos ao Norte e púnicos ou mussulmanos ao Sul; nada de exclusivo ruralismo contra exclusivo mercantilismo; nada de conquistadores e conquistados; nada pois de guerra permanente entre o Norte e o Sul. Diferenciações mesológicas, oscilações antropológicas evidentemente absorvidas, não constituem antagonismos que quebrem ou fragmentem a unidade nacional. «Ha na sua bela homogeneidade moral e social o Portugal de nós todos», (p. 55) na conclusão vitoriosa de Antonio Sardinha.

Se, áparte a investigação e interpretação dos factos, queria Antonio Sardinha servir a sua nação, conseguiu-o, porque a demonstração da unidade nacional é um bom serviço prestado. O nacionalista deve servir a nação, e ele serviu-a, provando a inanidade dos que a proclamaram dua e divisa e ele proclamou una e indivisa.

Luiz CHAVES

ANTONIO SARDINHA

ESTE verão, numa passagem pelo Alemtejo a caminho da fronteira, à vista de Monforte, recordei ao Dr. Francisco Alvim, medico em Alter do Chão, a figura de Antonio Sardinha e elle commentou simplesmente: *foi o maior talento da nossa geração!* O meu amigo enunciou uma grande verdade. Aquelle que a fatalidade nos roubou tão cedo, era a unica pessoa capaz de fazer entre nós a reconstituição da Historia de Portugal, toda ella malsinada pelos chamados liberaes, conspurcada pelas paixões ruins dos que a tem pretendido fazer do consticionalismo para cá...

A partida de D. João VI para o Brazil, com o significado politico hoje geralmente accete, foi historiada por Antonio Sardinha no parlamento e recebida quasi com apupos pela massa anónyma dos deputados que tinham na cabeça as teias de aranha ouvidas aos mestres-escolas, e nunca haviam pensado em as arejar. Antonio Sardinha não mais pensou em fazer erudição historica, no antro da fallacia, onde, havia muitos annos, não crepitára o fulgor duma idea. Sentiu-se então chocado e aborrecido, embora visse com justeza a inhabilidade de vistas-curtas da politicagem.

O pensamento contra-revolucionario que agita a Europa, foi por elle sentido e proclamado com notavel anticipação e defendido com uma fé de illuminado em toda a sua obra, vasta e riquissima para um escriptor morto antes dos 40 annos. Trabalhou sempre em prol das sãs doutrinas anti-parlamentaristas, com denodo e afinco, com preparação e talento.

Nos ocios forçados duns três dias de cama para onde um pequeno desastre me atirou, eu reli agora o seu prefacio á *Historia das Cortes Geraes* do Visconde de Santarem. Como esta leitura seria util aos portugueses que vão além da soletração das folhas diarias! E' um monumento de philosophia politica e social, com uma agudeza de critica que esclarece e um poder de penetração admiravel.

Foi bem, apesar de novo, mestre do pensamento contra-revolucionario, prosador e Poeta de raros merecimentos. A sua obra, quer sob o ponto de vista politico, quer sob os aspectos litterarios, é uma notavel afirmação de trabalho honesto e de brilhante talento.

Mais um anno passa sobre a sua morte, outros passarão ainda, sem que o querido companheiro da lucha seja esquecido. E as modernas gerações que o forem lendo como a um mestre, não deixarão tambem de recordal-o.

Motta CABRAL

gloria a ANTONIO SARDINHA

VIEU, há dias, procurar-me um nosso amigo, novel e distinto escultor, Américo Braga, para me pedir fotografias de Antonio Sardinha. Quere fazer um busto do grande doutrinário, que apresentará numa exposição de novos.

Deante deste caso, fiquei a meditar na bela sementeira que já colhemos dêside que Antonio Sardinha e os seus companheiros lançaram à terra a boa semente. As nossas ideias têm já tão fundos alicerces que é impossível que os adversários delas possam evitar o seu triunfo completo. Estão hoje difundidas por todos os sectores da vida nacional. São escultores, são poetas, são arqueólogos, medicos, homens de leis, literatos, músicos, engenheiros, comerciantes, industriais, operários, tudo, enfim, que representa, em Portugal, uma parcela de actividade... Os integralistas, que têm a consciencia da verdade das suas doutrinas políticas e do grande papel que hão-de desempenhar na historia da Nação, contam-se hoje por milhares, espalhados por todo o país.

Esta obra notável deve-se, em grande parte, ao esforço de Antonio Sardinha. Por isso a sua memória ha-de perdurar sempre. Os actuais detentores do poder bolchevista mandaram colocar o busto de Lenine em todos os cantos da Rússia. Nós, quando governarmos, devemos fazer o mesmo a Antonio Sardinha. E quem sabe? — talvez o busto que Américo Braga tão carinhosamente está a cinzelar seja, de futuro, o modelo que venhamos a adoptar. Américo Braga deve pensar nisto; eu sou daqueles que esperam que das suas mãos saia qualquer cousa de bom, de digno do grande chefe que perdemos há seis anos.

Escultores, poetas, músicos, homens de letras e homens de ciencia... Que magnifico caminho andado! Glória a Antonio Sardinha, o incomparável guia de tão grande obra!

Mario CARDIA

(da Junta Provincial do Douro do I. L.)

a maior dôr duma Geração

TRACEJO estas linhas numa manhã tão fria e bela de Janeiro como aquela em que o jornal me trouxe a notícia brutalissima da morte de Antonio Sardinha.

Se então a dôr se materializou em lágrimas, volvidos anos que não têm poder no mundo das recordações, a saúde deixou numa tal ressonância nos que de longe ou de perto seguiram e acompanharam o seu esforço, que, evocar a sua memória, é, até certo ponto, despertar uma parte amargurada de nós próprios.

Os mortos não vão depressa, como o disse um escritor. Que importa que, sôbre os seus túmulos, seque as flôres, as pedras se fendam, os sufoquem as hervas bravias, se na imensidade dos corações ficou a semente benéfica que as virtudes dos desaparecidos ali depuzeram.

E a memoria de Antonio Sardinha, o grande poeta nacionalista, do amor da terra e das coisas simples, o artista que modelou as suas obras ao calor dum grande coração de português, é, ainda hoje, quem comanda as legiões dos novos que, no seu exemplo, buscam o meio de se tornarem melhores e, por êles, Portugal em que nasceram.

Não abundam no mundo, tantos espiritos superiores que se substituem facilmente e, Antonio Sardinha pertencia ao escol e á aristocracia dos mais altos espiritos que edificam solidamente para a posteridade.

Quando se compara a sua fé viva, a sua devoção patriótica o seu sacrificio dado de boa vontade com a apagada e vil tristeza duma sociedade misera e falha de estímulos moraes, vendendo-se por um prato de lentilhas, nós compreendemos bem porque Portugal ficou mais pobre quando a alma gentil de Antonio Sardinha, sacudindo o pó transitorio, se acolheu no seio de Deus.

E este sol radioso do dia primeiro do ano faz-me lembrar êsse outro sol do Alemtejo, luminoso e forte á luz do qual Antonio Sardinha escreveu as suas melhores obras e eu sinto-me penetrar da tristeza dos seus versos:

Monforte do Alemtejo, nobre vila
com grandes torres no teu brasão cimeiro
á tua sombra rústica e tranquila
eu dormirei meu sono derradeiro.

David MOREIRA

Porto, Janeiro 1930 (da Jnuta Municipal do Porto do I. L.)

ANTONIO SARDINHA

E

“A RELIGIÃO DA BELEZA”

NA luta incessante de retomar a velha estrada tradicional do bom senso, Antonio Sardinha, naquele seu admirável trabalho de filosofia da arte — *A Religião da beleza* — pretendendo restaurar o verdadeiro bom gosto, tão afastados andâmos da tradição da arte cristã, que desde a Renascença tudo se perverteu e paganizou, começára por referir aquelas boas palavras portuguesas de D. Frei Bartolomeu dos Martires, em Roma a um cardial artista que extasiado lhe mostrava as magnificencias da sua rica colecção: — «Parece-me, senhor, que já em espirito via o Apostolo estes marmores e estas curiosidades, quando escrevendo a Timóteo, disse que deixarão os homens de ouvir as verdades que importa saberem para sua salvação e entregar-se-hão a celebrar patranhas e fábulas de infieis».

E' ainda a nobre lição ancestral dos nossos maiores letrados, que Antonio Sardinha trouxe para o pórtico deste seu ensaio critico, recordando como no século de quinhentos, em plena Renascença, um representante da nossa cultura, intemeratamente pensa e fala, resistindo com firmeza á corrente das novas ideias. Por toda a parte, nos centros de cultura do Ocidente, uma onda de admiração, um borbórinho prolongado de extasis, ante as velhas pedras da escultura pagã, fizeram da arte — que na idade-média quasi exclusivamente fôra religiosa e cristã, erigindo devotas casas monacais e magnificas cathedrais — qualquer cousa de sobrenatural, «de divino» e com isto quero frizar a generalidade com que era usado então este qualificativo pagão, deificando os que realizavam arte e formando o corpo doutrinário da *religião da beleza*.

Não se trata agora de estabelecer uma barreira intransponivel, espécie de muralha espiritual que separasse para sempre do pensamento moderno, a arte e a cultura das velhas idades pagãs, não se cuida possivel, nem mesmo lógico esquecer de todo a literatura e a filosofia da Grécia e de Roma, não se procura fechar os olhos a todo o pensamento e a toda a sciência antes de Cristo, desenvolvida e ensinada pelos sábios da velha A'tica e pelo espirito coordenador da Roma legista. A própria

idade-média em S. Tomás d'Aquino, nos traça o caminho a seguir, interpretando e cristianizando Aristóteles e admitindo como recorda Antonio Sardinha neste estudo a que me venho reportando, numa explanação do que é a arte «que ninguém pode viver sem deleitação», acrescentando ainda S. Tomás, «tudo aquele que está privado dos deleites espirituais, cai inevitavelmente nos deleites carnaes».

Não procuramos portanto de modo nenhum, um regresso integral aos velhos moldes medievais, pondo de parte totalmente o que de são e não contrário ao Cristianismo, a arte grega e romana nos legou. O que urge combater sempre e por todos os modos, foca em todo o seu estudo Antonio Sardinha, é o mau e errado conceito que a Renascença nos deixou da arte, conceito que levou o padre Maffei, e é ainda Sardinha quem nos conta, a pedir permissão para ler o breviário em grego, talvez repugnado do latim das letras sacras onde a forma era, para honra do Cristianismo, posta em segundo plano, sobresaindo em toda a sua pureza a verdade cristã. Não que sejam destituídos de forma nobre e bela os canticos da Igreja, que um estilo novo e sugestivo, devoto e cristãmente urdido, que derivava da própria essência do Cristianismo, se foi formando durante a idade-média, mas porque, tudo o que não fosse a antiga cultura grega e romana, era para os humanistas, tido como bárbaro e inculto e toda a arte que não derivasse em linha recta das ordens dórica e toscana, não lograva elogio, senão fosse ainda condenada, como tendo aparecido nesse longo periodo de trevas de muitos séculos, como durante tantissimos tempos, foi considerado o periodo medievo. Mas se de facto não procuramos, entendemos nós, um regresso integral aos velhos moldes da idade-medieva, o certo é que sem reboço admiramo-la, no seu magnifico século XIII, em que o brilho de ouro de bom quilate da *nova civilização*, melhor se destacou de entre as arcarias românicas e os colonelos de pedra negra dos claustros devotos e das naves imponentissimas das catedrais góticas. E para mais, a arte medieva, que a Renascença amesquinhou, é de todas a mais impregnada de beleza, architectada de nobres linhas e daquela dignidade austera que se admira com comção e que melhor de todas enobrece o espirito e constroe.

Beleza dignificante, ressalta de toda a expressão artistica da meia-idade, melhor diriamos talvez *nobreza construtiva*, notando quão desacreditado se encontra o vocábulo *beleza*, embóra Antonio Sardinha no referido estudo, que vou seguindo ao traçar estas linhas, pretenda distinguir *beleza de forma* explanando com eloquencia: — «A forma sobrepujou, desgraçadamente a beleza que é mais essência, mais irradiação central e interior do que um concreto e limitado equilibrio de linhas e aspectos».

Viver em beleza pretenderam os artistas da Renascença, e ainda hoje ha quem lhes imite o gesto, alegando doutrinas de estética delirante, mas procuremos indagar a que beleza uns e outros aspiravam, se lentamente se iam afastando de facto da verdadeira beleza, que é mais espirito do que forma, mais ideal do que volume plástico? E' ainda

POLITICA

Sardinha quem nos responde quando escreve que «a causa está em se haver tomado a forma que é um atributo, como sendo só ela a beleza pura e simples».

Uma nobre modelação mental, notámos desde sempre na arte da idade-média, que a distingue e dignifica — o seu marcado caracter colectivo. De facto os estatuários da meia-idade não deixavam gravados os seus nomes individuais na imaginária das arquivoltas românicas ou nas estátuas jacentes dos tumulos dos reis e grandes senhores e isto se dáva escreve Antonio Sardinha porque «o verdadeiro artista, o artista penetrado do sentido perfeito da sua missão, circunscreve-se modestamente á certeza de que não é um ser excepcional, mas tão sómente um operário que opera, um trabalhador que trabalha».

Desde sempre, repetimos, que o espirito da idade-média se nos afiurou como uma síntese do sentimento colectivo desse período, e a sua arte, sendo como em todos os tempos, um reflexo immediato e perfeito da cultura é por todas as razões do mesmo modo a expressão dessa cultura e desse sentimento místico colectivo, que mais do que em qualquer outra idade vibrou, nobilitando a cristandade. Nunca como na idade-média, a directriz da cultura dum povo, tanto se integrou na sua própria indole, de modo que ao contrário da cultura humanista, que por essencia pertencia ao escol das gentes e portanto andou de continuo divorciada dos destinos e das tradições dos povos, a civilização medieval e nela o pensamento, a arte e a literatura desse periodo, é como nenhuma outra, representativa do pensamento colectivo. Assim o artista medioevo, não firmando as suas produções, aparece-nos como sempre sonhámos deviam sê-lo: — os intérpretes eloquentes da curva do idealismo e do sentimento cultural de *todos* os seus contemporâneos.

O individualismo que a Renascença nos legou, dividindo os realizadores de arte, isolando-os e divorciando-os dos destinos dos povos, dando origem a movimentos isolados, carecendo de uma ideia coordenadora que os ligue e lhes dê corpo, sem o que, inevitavelmente passarão despercebidos no concerto universal, produzindo arte fragmentária, esqueceu penosamente que só a acção colectiva perdura e dignifica.

Um só remédio se poderá aplicar a este mal de que a arte sofre desde o Renascimento, um apenas, e esse é ainda Antonio Sardinha quem neste seu magnifico estudo de filosofia da arte, nos lega, num derradeiro conselho a artistas, pensadores e escritores, sentença admiravel de boa conduta cristã: «O orgulho do artista, o seu melhor braço, estará em identificar-se com o comum dos homens».

A. de MENDONÇA-DIAS

o premio ANTONIO SARDINHA

O convite que os meus camaradas da «Política» tiveram a gentileza de dirigir-me para colaborar neste numero da revista, a-par de uma distincção que registarei entre as mais gratas que, em doze anos de bom combate, tem recebido o meu esforço obscuro, veio proporcionar-me o ensejo de revelar uma ideia, acarinhada ha muito tempo, e a qual, posta em execução, constituiria, a meu ver, a melhor homenagem a prestar à memoria de António Sardinha.

Consiste ela em se fundar um prémio literário destinado a galardoar a obra mais notável, de carácter contra-revolucionário, que saísse anualmente dos prelos portugueses, prémio que se colocaria sob o patronato glorioso do escritor, desse prodigioso animador de energias nacionalistas, desse «destro e subtil caçador de superstições», conforme o classificou, um dia, o sr. dr. Afonso Lopes Vieira.

O Prémio António Sardinha representaria assim um estímulo de futuros e fecundos empreendimentos literários, e seria também um padrão erguido à memoria do apóstolo e doutrinário do nacionalismo português.

Não desconheço, de-certo, as graves dificuldades que haviam de embaçar semelhante empreendimento. Num meio intelectual como o nosso, tão falho de iniciativas e de recursos monetários, mórmente quando não se trata de auxiliar qualquer plano maçónico, uma empresa desta ordem encontraria, sem dúvida, pela frente, obstáculos quasi insuperáveis.

Mas, porque estou intimamente persuadido de que tais dificuldades não seriam impossíveis de vencer pelo nosso entusiasmo, não hesita a minha fé em acreditar na viabilidade do Prémio António Sardinha, nem duvidarão acreditá-lo os meus camaradas mais novos da «Política», a cuja dedicação pela memoria do Mestre, confio hoje esta ideia.

Se a jornada se iniciasse, não haviam de surpreender-nos os entraves habituais. Não me esqueci ainda do ambiente de silêncio que acolheu aquela brilhantissima campanha do dr. João Ameal a prol da criação dos prémios literários em Portugal. Quando nenhum Mecenas acorreu patrioticamente a secundar essa iniciativa inteligente do autor de «A Contra-Revolução», que inesperado auxilio poderemos aguardar para levar a bom termo a instituição de um Prémio António Sardinha?

Por isso mesmo, talvez muitos sorriam da minha ingenuidade, e dir-me-hão que só por milagre poderia transformar-se em realidade uma ideia que eu desejava ver perfilhada por todos os reaccionários portugueses.

Pois confiemos no milagre, lembrando-nos de que já outro saudoso preceptor das novas gerações, o dr. Xavier Cordeiro, nos ensinou que «todos os milagres são possíveis, desde que os gère a força propulsora da fé».

Não é agora o momento de se discutirem os processos mais vantajosos para levar a cabo uma empresa que foi meu propósito apenas sugerir. Se

ela merecer o aplauso e o apoio aos elementos contra-revolucionários portugueses, e de quantos têm manifestado o seu culto pela memória do malogrado escritor, alguma coisa já teremos conseguido. A seu tempo se estudariam as condições de lhe dar a mais eficaz realização.

Até lá, é consolador verificar que a campanha de António Sardinha não cessou com o seu desaparecimento.

A extraordinária actividade do escritor, dir-se-hia que adivinhando um termo breve, ergueu com solidez um monumento em que vemos assegurada a imortalidade do seu apostolado.

As páginas em que António Sardinha empreendeu a restauração do Pensamento Português deturpado por mais de cem anos de retórica liberalista, pertencem ao numero bem restrito daquelas que o tempo não conseguirá desvanecer.

Precisamente a êsse doutrinário, de António Sardinha e dos seus companheiros de luta, — é de justiça acentuar — devem as gerações novas a conquista de uma directriz espiritual que as libertou das baixas superstições democráticas. Nunca será de-mais lembrá-lo, nesta curva da jornada que a gente nova vai trilhando pelos caminhos agrestes do sacrificio.

Que ela não desfaleça, que ela se compenetre do seu dever, da sua vocação, e o «**milagre da Ressurreição**» virá coroar o seu esforço resgatador. Possuidora de uma doutrina —, doutrina de salvação nacional, a geração nova saberá encaminhar-se, a passos firmes, para o terreno da vitória.

A hora da Contra-Revolução ha-de chegar, e nesse dia, todos serão preciosos, todos hão-de encontrar-se no campo comum do bom combate.

Pratiquemos um acto de intelligencia, cumprindo o mandato que António Sardinha nos legou, no seu communicativo entusiasmo. O futuro é da mocidade, dessa «**geração que resgatadamente sobe para a vida e para a luta**», e a quem compete «**dar o grande passo**». «Medite-o bem a gente nova do nosso país, — escreveu o autor do **Purgatório das Idéias** — porque uma extraordinária epopeia lhe está reservada, — a de repetir por feitos próprios a gesta do Sangue antigo e sôbre os alicerces da pátria velha lançar os fundamentos de um outro Portugal! «E, noutro livro, **Ao principio era o Verbo**, um *livre-roi*, como diria Léon Daudet, afirmava com o mesmo poder de convicção: «Mas se nós nascemos para a expiação, como portadores que somos do futuro de Portugal, nascemos tambem para as grandes obras de justiça reparadora.»

Pois grande obra de justiça era a de prestarmos ao nome de António Sardinha a homenagem que proponho, e, além disso, obra de incalculável alcance para o florescimento da ideia contra-revolucionária.

Fundando o **Prémio Antonio Sardinha**, praticaremos ainda *um acto de intelligencia*, acto que, pelo seu significado e pelos benéficos resultados que havia de trazer à propaganda integralista, seria duplamente grato à memória do escritor.

Acreditemos nessa obra, e empenhemo-nos na sua realização «**com a firmeza de quem crê e de quem quer.**»

Fernando CAMPOS

No V aniversario da morte

de ANTONIO SARDINHA

NUM velho numero da «Monarquia» publicado quando da morte de António Sardinha, escrevia o Snr. Dr. Luiz de Almeida Braga estas palavras: *A morte de António Sardinha seria tambem a morte de nós todos, se o seu pensamento, a sua influencia e a sua vontade não tivessem ficado a comandar-nos.*

Escritas ha cinco longos anos teem hoje inteira applicação. A voz de comando continua a fazer-se ouvir, e os seus imperativos são hoje mais dignos de atenção do que nunca, porque mais do que nunca é preciso ter fé em Portugal e nos seus destinos.

As loucuras do idealismo liberal-democrata estão hoje em inteira decadencia, desacreditadas pelos seus funestos resultados quando postas em pratica, demonstrada a inanidade e inconsistencia das suas construcções filosoficas quando sujeitas à critica livre de quaesquer prejuizos. Hoje ninguem de são juizo acredita nas mirificas virtudes do papelinho branco que se lança no caixóte em dias de eleições; a instituição parlamentar perdeu os créditos de que gosou um dia, mercê da sua propria actividade em demonstrar que para nada de bom servia, que nada de bom havia a esperar dela.

Não era assim em 1914, quando numa soberba invocação do simpático Castanheira da Ilustre Casa de Ramires, a «Nação Portuguesa», principiou a lançar a preciosa semente do Integralismo. Então foram tomados aqueles que nela colaboravam senão como loucos varridos necessitando urgentemente dum lugar em Rilhafoles, ao menos como pataratas desejosos de notoriedade, tão arrevesadas e inconcebiveis apareciam às mentalidades de então, as novas disciplinas mentais proclamadas.

Antonio Sardinha e os seus companheiros, serenos ante as chufas, enérgicos nos ataques aos preconceitos correntes e na imposição da verdade nova, continuavam sem descanso no caminho encetado.

Esta fé na victoria final, êste caminhar continuo por sobre quantos obstaculos á sua vontade, a ignorancia e os interesses ofendidos lhes atiravam para a frente, é a primeira e profunda lição que António Sardinha e os seus companheiros oferecem à nossa atenção. Por isso António Sardinha pôde pro-

POLITICA

clamar um dia cheio de convicção, que a victoria final seria nossa como, já então o era nos dominios augustos da intelligencia.

Mas na vida de António Sardinha ha outros aspectos alem do de apóstolo incançavel e intemerato das verdades portuguezas. A história da sua actividade mental é prodigiosamente grande e, causa admiração como em tão curta vida se conseguiu realizar tão proficua e vasta obra. Compulsando os seus livros ficamos admirados com a variedade dos assuntos que trata e com a forma como os trata, revelando sempre longas e minuciosas leituras sobre eles, falando sempre como conhecedor dos problemas que procura resolver ou simplesmente enunciar.

Esta vida de trabalho sem descanso, procurando continuamente novos campos de applicação para a sua forte intelligencia, é outra lição proveitosa para todos nós, que é conveniente termos sempre bem presente, tão continuas e aliciantes são as seduções que aquilo a que se convencionou chamar boa-vida nos oferece.

Nem esqueçamos o poeta que ele foi olhando apenas o intellectual, porque é precisamente nos seus versos que a sua alta espiritualidade se revela em todo o seu esplendor. Poeta cristão, poucos como Sardinha souberam dizer em tão em lindas palavras tão lindas cousas sobre o amor de Deus, da Patria, da terra que nos viu nascer, da familia que nos deu o ser e nos criou. Não ha na lingua portuguesa mais sentidas e ao mesmo tempo mais resignadas queixas que aquelas que os sonetos do «Era uma vês um menino» revelam. São dolorosos brados duma alma atingida por pungente dor que só a confiança em Deus de certo modo acalma. Em nenhuma das obras poeticas do Mestre aparece mais nitidamente a sua mistica crença em Deus. Deus lho deu, Deus lho levou, seja feita a Sua vontade. Nem uma revolta, nem uma duvida. Apenas crença e resignação. Por isso os vôos de sua alma pelas alturas da poesia não são manchados, obscurecidos, pela mais tenue nódoa de torpe sensualismo ou grosseiro materialismo. Para Antonio Sardinha, poetar éra por em arte os grandes temas que nas suas obras em prosa, com rigores scientificos tratava.

Como cristão viveu, como cristão pensou e agiu e como cristão morreu, isto é, com serenidade e resignação, sem temores supersticiosos acerca da vida eterna.

Cinco anos depois da sua morte, nós temos a felicidade que a ele não foi dada, de ver meio realisada a grande profecia que um dia atirara num dos seus escritos. Não era gratüitamente que Sardinha proclamava: *Ninguem,*

como nós, no longo crepusculo que envolve os destinos do Mundo e da Civilização, possui motivos de firme e elevada esperança.

Esta certeza nos destinos da sua Raça, esta fé inabalável nas virtudes da mesma, alcançara-a Antonio Sardinha nos estudos que fez do passado, na observação das possibilidades presentes. Com segurança indicou a causa do mal e o remedio para o debelar; a causa eram as loucas e mortíferas teorias que enredavam a vida duma raça forte, viril, e a arrastavam para o cáos; o remedio era a renuncia aos lirismos ôcos da ideologia liberal e a aceitação dos principios tradicionaes, daqueles principios que *não eram bons por serem velhos mas, velhos por serem bons.*

O milagre grande da restauração de Portugal póde um dia vir a ser um facto. Virtudes, possibilidades ha-as e bastantes, o presente o demonstra, tornando a profecia em realidade. Começou ja a operar-se, pode dizer-se. O mestre não se enganou.

Meditemos pois a lição da sua vida, e saibamos ser dignos dela. Conosco está o *seu pensamento, a sua influencia e a sua vontade.* Um encaminha-nos, o outro sustem-nos e dá-nos valor, a sua vontade ordena-nos a continuação da obra legada. Curvemo-nos reverentes ante a ordem, porque ela vem de quem de direito, e continuemos o nosso caminho certos de que a victoria final será nossa. Quando? Nos dominios augustos da intelligencia já; nos dominios do material quando Deus quizer. Quem tem a certeza de vencer excusa de ter pressa, e nós não a temos.

Esta é a meditação que neste lutuoso dia 10, a Junta Escolar de Coimbra oferece aos seus amigos.

Pela Junta Escolar de Coimbra

Amavel Duarte FIGUEIRA

em memoria do Mestre

RESOLVEU a Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano recordar, na sua magnifica revista, mais este aniversario da morte de António Sardinha. Os integralistas da Junta Escolar do Porto, convidados pelos seus camaradas de Lisboa, aqui veem deixar algumas palavras, poucas e singelas, que testemunham a sua veneração pela memória do Mestre desaparecido.

Os homens como Antonio Sardinha só morrem aparentemente. O melhor de si próprios — a sua personalidade moral, as suas ideas, gravadas fortemente nas inteligências e nos corações dos seus discípulos e immortalizadas nas suas obras — continua a viver e a agir. Deste modo, António Sardinha continua ainda o seu apostolado nacionalista, permanecendo, em espírito, entre nós, para nos guiar e instruir nas coisas de Portugal.

Na hora incerta (que dura ainda e não sabemos quando acabará!...) é nos ensinamentos de António Sardinha, sobretudo, que se fundam as esperanças dos verdadeiros Portugueses, pelo melhor conhecimento que neles se colhe, das virtudes e grandezas da alma da nossa Pátria e dos remédios que a farão sarar. E, por isso, António Sardinha é, para nós, portugueses novos que acima de tudo desejamos — e queremos, que é mais — a grandeza de Portugal, não só um dos escritores mais brilhantes da sua geração; não só o historiador profundo, erudito e probo, verdadeiro e carinhoso médico que foi, para a nossa intoxicada Historia; não só o poeta inspirado e ardente, cantor da Terra, dos costumes, da grey, não só ainda o português de lei que nos tempos miseráveis de hoje soube ser um português de outrora, mas é ainda o guia seguro que, pelo mundo complexo das ideas, nos leva por caminho português: ora atravez da Historia, desvendando as *lendas nêgras*, rehabilitando Reis sábios e Heroes, executando traidores, mostrando clara-

mente a verdade portuguesa, restaurando uma História de Portugal admirável de grandeza e de beleza, digna de ser amada e seguida como um verdadeiro evangelho nacionalista que é; ora, atravez da cultura portuguesa, e ainda da de alguns outros povos, iniciando-nos nos tesouros da sua erudição, orientando-nos nos pontos mais obscuros e mostrando o que aí devemos aprender. Para nós, Antonio Sardinha é o Mestre genial que ensina Portugal aos portugueses.

A sua passagem entre nós foi fulgurante, mas rápida. Se assim não fôsse, se nós o tivéssemos ainda!... Mas acabou-se! A sua missão foi cumprida; o essencial ele no-lo deu.

Mas as suas palavras comandam actos; resta que nós os realizemos. Ele exige de nós acções; e nós sabemos quais são: vamos fazer-lhe a vontade!

Moços integralistas que, duma banda à outra de Portugal, vos debruçais, hoje, anciosos, sobre os seus livros: camaradas! O nosso Mestre morreu. Portugal é o seu Herdeiro, nós os seus testamenteiros; ele espera que nós saibamos cumprir. Restauremos Portugal! António Sardinha poderá então descansar, satisfeito, no seu túmulo!

A Junta Escolar do Porto do Integralismo Lusitano

o outro ANTONIO SARDINHA

O ensaista penetrante de «Ao Princípio era o Verbo» avulta como de bronze sólido entre os frágeis pensadores do fim do século dos comícios e da sofística: é o Antonio Sardinha da Inteligencia, escolástico do nacionalismo português, numa nova união da Crença e do Saber.

Racionaliza o sentimento — o seu forte sentimento de fé na «dupla verdade católica e monárquica da Raça».

Por isso uma ardente labareda parece que percorre e anima dum extremo ao outro os raciocínios e as palavras dos livros que escreveu.

O *outro* sentimentaliza deliciadamente a verdade que a razão fortalece. O poeta Antonio Sardinha sente segundo as suas ideias, vive-as afectivamente e por esta harmonia pessoal nele teem realização simultanea os fins emotivo e social da arte.

Os processos da Inteligencia e os da Sensibiliade são complementares na sua personalidade.

Afinal o Outro Antonio Sardinha em pouco diverge do pensador-político: é este descansando dos labores intelectuais num doce abandono sentimental que o cérebro raramente precisa de disciplinar.

Canta a sua função social, o seu lar, a sua Terra e a sua pátria, as crenças e usos da sua Terra e da sua pátria.

Ideias austeras de suas prosas tornam-se brandos sentimentos nos versos do poeta. Trespasados dum lirismo doce, dormente, por vezes embalador, não raro despertam em altivas cadencias onde se revela o Apóstolo.

As repetições frequentes e expontâneas dão aos seus versos um sabor que lembra o paralelismo das antigas canções do Noroeste, dão-lhes um tom cantante e popular.

Há motivos de melancolia galega, de melancolia bailada em muitas de suas poesias. Afectivamente podemos considerá-lo como um ramo do velho tronco trovador indígena.

Cantor de amor, este é encarado sob a forma mais pura e na sua plenitude social: Amor conjugal; a Família no seio do Lar e da Terra tendendo para Deus. São outros tantos amores nas obras de Sardinha.

Em a «Chuva da Tarde» com uma melancolia doce de abandono voluntário e feliz entrega-se a um amor-adoração, caracteristicamente nosso, tecendo sonetos num entretenimento suave em torno da figura amada de sua tão cedo desditosa Esposa.

E este amor que se estende a todos os seus livros enquadra-se perfeitamente no Lar, na Terra e na Crença.

Prova a saudade no exílio medievo de Toledo com torres e muralhas

hirtas numa «paizagem de Outro-Mundo ligando à sua a coita de Sancho seu «irmão antigo» e perguntando como o «Rei-Saudade» aos ecos tristes que nada respondem:

«Ay Deus, e hu é, Senhor a minha amada?! Depois é o Alentejo sua província natal «aonde a minha árvore descança» cantado com entusiasmo na «Epopeia da Planície» cantando e compreendido nas suas tradições de enorme campo de batalha dos heroísmos da Grey. E' o Alentejo das vilas claras ao sol em braza, dos castelos roqueiros cercados de povoações caídas, das searas infinitas, das charnecas requeimadas.

E' o Lar alentejano, o povo lavrador, costumes, objectos caseiros; são as suas feiras bizarras, seus heroes e santos.

Ninguem com maior entusiasmo cantou a grande província do Sul. Por fim é Portugal inteiro invocado por Sardinha. Toda a sua história heroica e sentimental.

Nobres virtudes e velhos amores a que o Tempo não conseguiu ainda emurcheçar a beleza.

Tambem Antonio Sardinha tem aspectos de poeta ibérico na compreensão filial da remota «Madre Hispania»:

«Castela no crepúsculo inflamado
irmã da grande terra alentejana
no mesmo sentimento do Infinito».

E o poeta quando versa temas castelhanos adquire intensidade trágica em contacto com a psicologia dura do grande paíz do Centro.

E' «Toledo dos Concílios e das Gestas, dos defuntos, das ossadas reinando sobre a treva que arripia» é a Cava «mais do que nunca a perdição de Espanha» são as figuras subterrâneas do Greco, é D. Quichote — o cadáver da Cavalaria.

Em Espanha a vida é mais Trágica, o amor mais violento, a tentação mais forte:

«O' dona Sol, meu corpo de oiro amado,
de lábios mais sangrentos que a romã,
nasceste numa feira de Granada
como é que tu podias ser cristã!»

E a luta entre o Espírito e a Carne ganha côres intensas e proporções de drama.

Sirvam de exemplo as poesias Dona Sol, Dona Serpe e Câmara Ardente do volume «Quando as nascentes despertam».

E' um aspecto notável êste do poeta católico — romano das catedrais, dos orgãos, das procissões, das fórmulas litúrgicas, das festas solenes...

Com Antonio Sardinha tão cedo arrebatado à vida não perdeu somente a Nossa Terra um autêntico racionalizador da sua maneira de ser, mas tambem um grande poeta que gloriosamente honrou a tradição lírica da gente portuguesa.

Francisco da Cunha LEÃO

“OS MORTOS MANDAM!”

MAIS um ano que passa sôbre a morte de Antonio Sardinha!... Para aqueles que o não conhecem, e o não amam, o seu passamento desta vida é como o dum qualquer outro humano; para nós, seus filhos espirituais e herdeiros duma herança pesada, esta data é uma fonte de graves responsabilidades. Por isso mesmo que nos intitulamos e ufanamos de seus discípulos, sentimos como ninguem o vácuo imenso que a sua morte veio abrir à nossa volta — a morte dum Espírito que fôra—como é e continuará a ser—um arrimo das nossas inteligências em botão sujeitas a queimarem-se irremediavelmente ao contacto de agentes maléficos.

Diz-se que os mortos caem depressa no esquecimento dos vivos... Não! Mentira, como tantas outras, que o sórdido materialismo implantou em cérebros deformados quando não em corações mal-formados, nós repe- limos energicamente esta sentença indigna da espécie humana, e reivindicamos o direito de reconhecer o precétorado intellectual do chorado Mestre!

Os mortos mandam!

E é tão possante, imperiosa, avassaladora a voz do morto Antonio Sardinha, que até aqueles de quem se diria os persegue o fantasma dum desaparecido, êsses mesmo são indiretamente admiradores do seu clarísimo espírito, pois vivem e respiram o ambiente que o seu grande vulto gerou!

Hoje que alfim parece raiada a hora alta do ressurgimento nacional, se ainda houver justiça entre nós para questões desta natureza, manda a verdade que se confesse, que a atmosfera que hoje envolve Portugal recebeu do Integralismo Lusitano os seus primeiros e senão os únicos, de- certo os melhores influxos; sem êstes—porque atalhos ainda não teríamos que correr, primeiro que entrassemos na estrada de Damasco?!

Antonio Sardinha e os seus companheiros da primeira hora, êstes felizmente vivos, fôram os mais seguros doutrinadores do nacionalismo português; e tanto êles, e só êles, estavam na verdade que se viu não há muito tempo, os proprios partidos de desgraçada memória apresentar essa

coisa insípida que dá pelo nome de programa político, formando uma manta de mal-cosidos retalhos, em que os melhores bocados eram exactamente os recortados à declaração de princípios e doutrinas do Integralismo Lusitano!

Com razão dizia, em face disto e várias outras confissões tácitas o Dr. Hipólito Raposo num grupo de rapazes: Com franquesa—ou temos razão, ou não a temos: se a temos, (falava dêles) porque nos perseguís e nos caluniais, antes não tendes a hombridade de caminhar sôbre os nossos passos, que não é desdouro seguir uma verdade reconhecida pelas luzes da inteligência; se a não temos, como se compreende que copieis os nossos princípios, no todo ou em parte, posto tendes o cuidado de alterá-los um bocado (para pior), para salvar as aparências e dar fóros de originalidade ao vosso pensar?

Pois bem! E' manifesto, resalta dos factos que, quem está na verdade, confessem ou não os adversários e... certos simpatizantes, é o Integralismo Lusitano. Porém não se pense desta pequena vitoria, que é tempo de depôr as armas; pelo contrário, estando o inimigo vigilante, seria imperdoavel fraquesa, uma traição inominavel, o comodismo de alguem que se lembrasse de dizer: agora que vencemos, é bem merecido um descanso mais ou menos longo.

Além de que a vida é luta permanente, não conhece tréguas, a propria memória de Antonio Sardinha exige de nós que continuemos a ocupar o baluarte, porque nós não pretendemos, é bem que fique isto retido, mera satisfação de vaidades pessoais, antes *o nosso fim é salientar a urgencia de condicionar toda a acção reconstrutora por um labôr constante de rectificação mental.*

Os mortos mandam!

Flavio MOURA

a melhor Homenagem

Amigos:

PEDEM-ME V.V. algumas linhas para o numero da nossa «Política» de homenagem á memoria de Antonio Sardinha e comemorativo do primeiro lustre do seu passamento. Embora conheça a pobreza da minha pena, aí vão, porque nunca vos faltei, as singelas palavras do mais humilde soldado do *Integralismo Lusitano*.

Não é meu intento. falar-vos agóra do Poeta, do Jornalista, do Politico ou do Pensadôr. Outros o farão por direito proprio e melhor do que eu o poderia fazêr.

O que quero dizer-vos é que, passados como vão estes cinco longos anos de incertezas, sobre aquela tarde triste em que o corpo do Mestre desceu ao cemiterio de Monforte, vai sendo tempo já de lhe prestarmos todos a grande, a *única homenagem* que devemos, á memoria de quem melhor amou e melhor nos ensinou a amar a Terra dos Avós.

Quão grande seria a dôr do Mestre, amigos, se os seus olhos de novo se abrissem á luz clara do nosso sol!

O que resta da hoste aguerrida que o seu verbo iluminou?

Restam os seus *Pares*, aqueles de quem foi o discípulo e o Mestre, esses que foram os seus primeiros amigos, os companheiros da hora incerta em que o *rumo* não estava ainda marcado e, em volta deles, o punhado que nós somos.

E os outros? E os *discípulos*? Aqueles em quem o seu coração generoso poz o melhor da sua esperança? E tantos outros? Tantos!!...

Perdidos nos *descaminhos do deserto*, quantos não faltariam á chamada por não poderem suportar a firmeza do seu olhar leal, quantos não voltariam de cabeça baixa, que o remorso lha não deixaria erguer?

*

Passados estes *cinco longos anos* em aventuras e rebeldias, chegou a hora de fazermos todos o *exame de consciencia*. Todos: os que nos afastámos do *caminho* para seguirmos os trilhos vários do erro; os que pelo caminho ficámos a sós com o *desalento* e aqueles que o temos seguido sempre com os seus *Pares* e com a nossa Esperança. Amigos, esta será a melhor homenagem:

— Que *os* que partiram pelo trilho incerto regressem breve ao rumo da Verdade;

— Que *os* que se deixaram tomar pelo desalento abracem breve a nossa *Esperança*;

— E vós, amigos, recebei-os com a alegria do Pai, na parábola evangélica do filho prodigo.

— E vamos todos juntos outra vez, ilustrados como estamos pelos erros, pelos desvarios e pela maldade das horas tristes, vamos outra vez, á voz do Chefe, continuar a gésta interrompida, continua-la sem tréguas, sem descanso, até á aleluia da Victoria. E eu vos repito as ultimas palavras que foram ditas naquela tarde á beira da campo do Mestre. Disse-as o Chefe voltado para o estandarte glorioso do Pelicano que cobria o ataudé. E não mais saíram do meu coração desde que meus olhos as leram. E há cinco anos que ecoam no deserto imenso das consciencias e dos corações:

«Rapazes: erguei de novo esse estandarte ao sol de Deus e em nome de Portugal, porque nele nos deixou Antonio Sardinha, vivo e escondido o seu proprio coração.»

E esta que é a *única* homenagem digna do Mestre e digna de nós, é também o nosso devêr de nacionalistas e de novos, nesta Hora cinzenta em que á dôr das nossas esperanças iludidas, parece responder o hino barbaro duma Traição sem nome...

Carremos pois filciras em volta do Chefe á voz do Rei. Que cada um de nós valha por dois ou três e, antes de partir para o Combate, ao lembrarmos a memoria do Mestre, entoemos alegremente um «Te Deum» pela victoria admiravel que foi a sua bela morte de Cristão.

*

Disse algures Antonio Sardinha: «o sulco que tracei já nada o poderá apagar.»

Bela certeza do dever cumprido! Olhai como é verdade: — aqui tendês neste numero da nossa revista, a par de nós, o escol da Intelligencia portuguesa a prestar-Lhe homenagem!

Das proprias verdades que ele tanto amou e defendeu já os proprios inimigos se pretendem apoderar!

E, ao vermo-nos aqui, ajuramentados nesta trincheira de sacrificio, prontos a darmos a nossa mocidade e o nosso sangue em testemunho da dupla verdade catolica e monarquica da nossa Raça;

Ao pensarmos na disciplina admiravel que nos une e na fé viva que nos irmana;

Ao pensarmos que á invocação do nome do Mestre, a mocidade portuguesa, responde *una voce — presente!* — como no ritual fascista;

Podemos e devemos glorificar a Memoria do Mestre, gritando sobre a multidão dos ímpios, dos scepticos e dos *rebeldes*, a apostrophe celebre de S. Paulo!

«Oh! Morte! Onde está a tua Victoria?»

Ruy d'ALMARGEM

Sardinha e o Hispanismo

L'Ibérie, c'est l'Espagne et le Portugal, c'est le Mexique, le Brésil, et l'Argentine et les vingt nations qui se défendent contre l'envahissement du mercantilism yankee.

MAURICE LÉGENBRE

MORREU António Sardinha com o primeiro quartel deste século de novecentos...

Espírito dotado duma clara visão dos factos e possuidor duma esmeradíssima cultura geral, Sardinha marcou bem uma época na história do pensamento português.

Indo buscar às antigas instituições concelhias as liberdades foraleiras e o municipio purificado, e pretendendo actualisar o trabalho profissional das velhas corporações das artes e ofícios propondo os sindicatos profissionais, creou com os seus Pares o Integralismo Lusitano, assente sobre os alicerces fortísimos da doutrina contra-revolucionária destinada a atingir o Portugal Maior.

Mas o seu espírito de profundo sociólogo quiz ir mais longe e alcançou a Espanha, o Brazil, a América Espanhola...

A Península Ibérica é composta por duas nacionalidades, independentes por fatalismo historico e geográfico, mas cooperantes no campo internacional, onde identicos interesses as unem.

Durante os séculos xv e xvi, Portugal e Espanha deram ao mundo novos continentes e novas ilhas, modificando completamente o planisfério e pelas cinco partes do Orbe, os dois povos irmãos cujas linguas em todo o Universo não há outras mais semelhantes, propagaram a Fé de Cristo e a Civilização Occidental. A América é o fóco dessa civilização, e foi para esse vastissimo continente que tomou o nome de Americo Vespucci que Espanha e Portugal, este pela boca verbosa dos missionários da Companhia de Jesus, (*) — Padre Anchieta e Francisco

(*) Não quero dizer com isto que entre os Portugueses deixasse de haver conquistadores notáveis, mas a colonização do Brasil, por exemplo, foi toda obra dos Jesuítas.

Pizarro — aquela pelas armas dos castelhanos cavalleirescos transplantaram através do Atlantico a civilização do Mundo Velho, que generosamente doaram ao Novo Mundo.

Foi o grau cultural dos povos conquistadores, incomensuravelmente mais dilatado, que contribuiu para que povos da Hispania — não confundir com Espanha — absorvessem fãcilmente o elemento autóctone. Desse cruzamento de raças nasceu uma raça nova — hispanisada então, heje totalmente hispânica — que mostra bem que foram as qualidades assimiladoras dos dois povos do sudoeste europeu quem consolidou no mundo moderno o predomínio branco.

O mesmo não aconteceu com as colonisações individualistas do elemento anglo-saxão, onde o sangue nórdico puro faz os maiores esforços para se não deixar absorver. O vasto mosaico etnológico dos Estados Unidos da América é um exemplo flagrante das qualidades inassimiladoras do inglês. E' que nós, os da Hispania, «ora impávidos como nos Luziadas, ora sonhadores, como Quixote, vamos pelo mundo dando o exemplo duma vida que alevanta e afasta a humanidade do materialismo grosseiro da gente egoísta lá do Norte» (*)

Foi a Hispania que outróra conseguiu tirar do Mar Tenebroso um mundo novo que é a continuação legitima do claro génio peninsular.

Com interesses comuns no campo internacional e possuidoras duma religião una, a religião católica, Espanha, Portugal e as Republicas da América Latina, devem constituir um nucleo de resistencia hispano-americano que se contraponha, dum lado, ao alongar das ambições incontritas do Japão, de outro, aos Estados Unidos com a teoria hipócrita dum Monroe, e de outro ainda, ao panslavismo que ameaça o Ocidente com uma invasão quasi possível da horda asiática.

E' esta a politica internacional de aproximação Ibérica que Sardinha defendeu. A «Aliança Peninsular não é mais do que a apologia dessa politica de conjunto, sem contudo defender essa utopia vã da União Ibérica, tantas vezes fracassada no longo decurso da história da Peninsula.

(*) Conferencia realizada em S. Paulo — Brazil em 1922 pelo professor de Faculdade de Direito dessa cidade, Dr. Noé Azevedo. In «Contemprânea». 3.ª serie, N.º 1.

POLITICA

Bastante arrebatadora, esta frase com que acaba a conversa preliminar da «Aliança», dissertando sobre o Hispanismo :

«Que Portugal e Espanha o entendam como norma inspiradora da sua acção futura — e a civilização ocidental triunfará do negrume denso em que se estorceia, transviada».

E' o super-nacionalismo que se manifesta nesse hipotético imperialismo hispano que Sardinha brilhantemente defendeu.

Seriam os Reinos de Portugal e Espanha, dum lado; as grandes e pequenas Republicas da América Meridional, do outro, como filhas de dezenove anos emancipadas da Hispania Madre; ao centro, o Atlantico Sul, o *Mare nostrum*, ligando a América à Europa, numa aliança étnica e religiosa.

Morreu em mil novecentos e vinte e cinco, sem que todavia se realizasse, o projectado sonho, mas sem deixar de ecoar o grito bélico de alarme que um dia levantará a Raça ao cosme de aspirações humanas :

«A Hispania salvou outróra a humanidade duma noite profunda e quasi sem esperança.

«A mesma noite se condensa trágicamente sobre as nossas cabeças.

«Acima, hispanos, de ambas as margens do Atlantico e que as estrelas do Céu e as ondas do mar sejam outra vez o gesto duma raça que nasceu para se dar a Deus e aos homens, num sacrificio ardente e jubiloso».

E' que Sardinha encarava o Hispanismo como a unica possibilidade de realização do *Quinto Império* do mito sebástico.

Lisboa, Dezembro de 1929

Luis de ALMEIDA

PALAVRAS DE ENTUSIASMO

E DE SAUDADE

Ao escrever algumas linhas sobre Antonio Sardinha, era meu grande desejo fazer exaltar, através duma prosa forte e colorida, as suas qualidades raras de historiador e artista, de batalhador e Poeta, qualidades estas que, apesar de tão longamente conhecidas, nunca seria ocioso vincar mais.

Porém, certo como estou, da minha incompetência para uma tarefa tão agradável quanto difícil, como seria essa, limitar-me-hei, numa triste resignação, a fixar em poucas palavras, desataviadas e palidas palavras, alguns minutos de saudosa meditação.

Morreu ha cinco anos Antonio Sardinha.

A inteligência e a Fé foram as armas que o acompanharam, com brilho maior em cada dia, durante a sua jornada gloriosa, a meio da qual a morte no-lo roubou, por nosso mal, quando a semente benigna que ia espalhando começava a frutificar.

A sua obra fecunda, revela bem o caminho que êle marcou com claresa e desassombro únicos, caminho das grandes idéas, que trilhou a passo firme, atraído pela Fé e levado pela Inteligência — o caminho de Deus e da Pátria Restaurada.

Mantendo-se acima das filosofias modernas — essa *barbarie intellectuelle*, a qual, *parece qu'elle implique, dès le principe, le mépris de la pensée des générations précédentes*, (1) conduz invariavelmente à confusão ou ao vácuo — êle poudo observar aquella claridade magnífica que o guiou ao Sacrário da Verdade. Verdade Portuguesa! Verdade Sagrada, pela qual combateu, sem um desánimo, sempre alevantado na sublime exaltação da sua Fé em Deus e em Portugal, Fé de católico e de monárquico.

O seu toque de guerra espalhou-se aos quatro ventos!

A sua palavra falou aos corações; muitos dos transviados, que acordavam na noite e na noite seguiam levados pela inconsciência, poderam, enfim, ver a luz que êle erguia tão alta e, chegados ao bom caminho, lutar ao lado do Apóstolo, ao lado daquêle que, refundindo no cadinho da sua inteligência privilegiada as virtudes da Raça Antiga, ensinava os portugueses a serem Portugêses

(1) Jacques Maritain, in. «Antimoderne».

POLITICA

Saibamos, pois, ser portugueses, reedificando a Nossa Casa, para nós e para os que hão de vir.

À nossa geração cumpre resgatar o Portugal Antigo.

Não abduquemos de tamanha honra.

Une, deux générations peuvent oublier la Loi, se rendre coupables de tous les abandons, de toutes les ingratitude. Mais il faut bien, à l'heure marquée, que la chaîne soit reprise et que la petite lampe vacillante brille de nouveau dans la maison. (1)

A hora marcada é o presente.

Antonio Sardinha chama-nos para a luta. Êle está connôco presente e vivo, mais presente e mais vivo agora que o seu espirito está em cada um de nós, firmando-se cada vez mais nos nossos corações e no nosso pensamento, pela saudade que aumenta dia a dia.

Sigamos o nosso Chefe, aprendendo a doutrina que êle pregou, para que, num dia próximo, possamos cumprir o que o Rei de nós espera e o que Deus de nós exige.

Prestemos a Antonio Sardinha o culto que êle merece, não perdendo-nos em estéreis contemplações sentimentais, mas, como a sua doutrina nos ensina, raciocinando e agindo, para, com a mesma vontade e confiança, podermos afirmar como êle afirma: *Portugal ressurgirá, — firmemente o creio! — quando nos dispuzermos a continuar, pelo raciocínio e pela vontade, aquilo que nossos Avós consolidaram pelo costume e pelo sentimento;* (2) para, com a mesma Fé e entusiasmo, podermos resar como êle resa: *confessando-me católico e monárquico, confesso o patrimônio civilizador da minha Raça e a parte que me cabe, dentro d'êle, para o prolongar e enriquecer ainda mais. Preparemos os corações saindo pela noite funda ao encontro da Madrugada.* (3)

Apóstolo e guerreiro, saindo pela noite funda encontrou a Eternidade. Não o choremos pois! Conservemos bem gravada a sua memória e a saudade que aumenta dia a dia. E seguindo o caminho que êle nos indica, saiamos ao encontro da Madrugada, preparados os corações...

Janeiro de 1930.

ÓNIO.

(1) Ernest Psichari, in. «Voyage du Centurion».

(2) in. «Purgatorio das Ideias».

(3) Idem.

CATÓLICO

E

PORTUGUÊS

«**L**EVANTO as mãos ao Senhor, eu que sou de barro, grosseiro e impuro, por não me haver perdido nas estradas do Egipto», tal é o acto cristianíssimo de humildade e de agradecimento, que Antonio Sardinha gravou no prólogo de um dos seus livros. ⁽¹⁾ A Fé profunda, e os sentimentos revelados em tão curtas como admiráveis palavras, são testemunho eloquente da Crença sincera do escritor, que tão bem compreendia a hierarquia dos fins, nos interesses da Religião e da Pátria.

Esta hora que a saúde de bons portugueses, consagrou á memória do grande doutrinador, é mais do que nenhuma indicada, para recordar a firmeza das convicções e a clara atitude em face da Igreja, da sua alma católica e portuguesa.

Fazendo-o não só nos tornaremos gratos á memória de Sardinha, apreciando o que nele existia de mais nobre, como também prestaremos um serviço útil demonstrando mais uma vez a raiz cristã do nosso nacionalismo, que em tudo inspirado nas verdades do Evangelho, só pretende no Reinado de Cristo, a maior felicidade dos portugueses.

A melhor defesa do Integralismo Lusitano, contra a ignorancia ou má fé dos que o confundem com o nacionalismo francês e duvidam das convicções religiosas dos seus membros, encontra-se como era de esperar nos livros dos seus orientadores, e Antonio Sardinha por isso que foi o principal dêles, é tambem quem mais provas nos dá, da ortodoxia dos principios do nacionalismo português.

Maurras e os demais mestres do pensamento francês, fundaram o seu nacionalismo pagão nas conclusões de uma sciencia incompleta e nas considerações da história, enquanto Sardinha católico praticante, condicionou, na verdade revelada por Cristo e de que a Igreja é eterna depositária, o nosso nacionalismo Cristão. «Maurras... agnóstico impe-

(1) «Na feira dos Mitos», pag. XXII

nitente fechado dolorosamente na moldura estreita do seu positivismo... venera a Igreja como a depositária suprema daquelas verdades únicas que são a saúde da vida e a disciplina dos povos»,⁽²⁾ enquanto Sardinha como católico ensina que «só a Igreja, cuja finalidade não vai para as coisas deste mundo, nos apresenta e garante uma regra segura de harmonia e de conciliação, debaixo do sinal eterno da Cruz». (3) Por isso da Igreja e para a Igreja deduziu êle, o seu raciocínio político e social. A religião que no nacionalismo francês é um meio, no nosso nacionalismo, é um fim.

Maurras compreendendo a necessidade «de reprendre quelque voie qui fasse rentrer notre patrie et toutes les autres au berceil de l'humanité» (4) e vendo na Igreja «la seule Intenationale qui tienne» (5) capaz de salvar o mundo latino contra a Maçonaria sectária e destruidora, advoga a ressurreição da Cristandade de antanho; enquanto Sardinha inspirado na tão bela fraternidade cristã defende o restabelecimento da República-Cristiana «constituída pela assembleia das nações cristãs reunidas em Cristo Nosso Senhor, conforme o ditame do apóstolo: quod omnes unum corpus sumus in Christo». (6) A autoridade do Papa que para Maurras é uma conveniencia, para Sardinha é um dever. Êle não ambicionava a vitória da raça latina sob a hegemonia de Roma, queria apenas a felicidade dos povos, e como esta se não poderia conseguir sem a observancia dos preceitos da moral cristã, pretendia que de novo, como nos tempos felizes da idade média, o Papa que declara a culpa individual, declarando tambem o pecado social. Sardinha querendo a felicidade dos povos, supremo anelo de um sociólogo cristão, desejava a Paz e desejá-la era reconhecer a necessidade de um órgão que definisse o direito, «órgão em nada ligado ás contingencias da terra, em tudo inspirado nas coisas altas do céu» (7) e esse órgão era a Igreja que é por definição o «ultimo ratio regum.»

Enquanto a Igreja para Maurras é um auxilio indispensável na luta contra a desordem, por ser a maior força moral do mundo, para Sardinha, a Igreja possuindo a alma dos povos, porque representa a verdade de Cristo, é «a claridade e o sorriso da civilização» (8) Maurras quere da Igreja, a ordem do mundo, onde reine a força do seu paiz.

Sardinha deseja que «o Príncipe da Paz que reside no Vaticano, cheio da força admirável da sua divina fraquesa» (9) pronuncie sobre as nações livres e amigas a palavra santa da liturgia: Pax hominibus, in terra bonnae voluntatis, domine. (10)

(2) «Durante a Fogueira», pags. 33 e 34.

(3) Idem, pag. 39.

(4) e (5) Le Pape, la guerre et la Paix, in Durante a fogueira, pag. 33, 37 e 39.

(6) «Durante a Fogueira», pag. 56.

(7) «Durante a Fogueira», pag. 58.

(8) Idem, pags. 60 e 61.

(9) Idem, pag. 39.

(10) Idem, pag. 61.

Nesta época em que a atitude política da Igreja é escândalo de portugueses mal informados, muito conveniente é reviver o respeito e a submissão de Antonio Sardinha pela autoridade apostólica dos Bispos, cujas pastorais foram sempre para êle «a verdade definida» (11) e sábia regra de conducta no governo dos povos.

«A Igreja — bem o comprehendia êle — não se subordina a interesses temporais, de modo a sujeitar-se no cumprimento da sua missão ás contingencias fragilíssimas da instabilidade política». (12) Mas porque há princípios sociais condenados pela Igreja e leis injustas que limitam aos crentes o livre exercício da sua religião «a organização dos católicos impõe-se como força precisa para actuar na conquista de um mínimo de liberdade essencial». (13)

Essa organização, por completo desinteressada da política e cujo unico fim é a liberdade e o livre exercício da religião, Sardinha, nunca a considerou um partido, porque como dizia «partido católico só pode ser um: o partido de Deus». (14)

Este partido de Deus — diz — é, segundo Barbier, o partido da Ordem e da Liberdade.

Depois de católico, Antonio Sardinha é português; mas o seu primeiro cuidado de patriota é conformar com a Doutrina Cristã, o seu ideal nacionalista, provando que «o partido da Ordem e da Liberdade entre nós é aquelle que, em relação á Igreja e ao Estado, seja o remate da nossa longa formação tradicional». (15)

Ao demonstrar com vigorosa lógica que sem prejuizo da sua organização, os católicos podem e devem intervir na vida pública do seu paiz a fim de lhe imprimirem uma orientação conforme aos seus ideais, — o escritor esbarrando com o mandamento do respeito ao estado — não descansou enquanto a «Encíclica libertas praestantissimum» não levou á sua alma de crente a certeza de que a «Igreja não condena que se queira libertar o seu paiz ou do estrangeiro ou de um dêsota desde que isso se faça sem ofender a Justiça». (16)

Defensor de uma ordem social nova, enquadrada nos laços naturais da familia, do lugar e da profissão, inimigo acérrimo do individualismo democrático e do parlamentarismo, Sardinha conspirando contra o governo da Republica, bem sabia que o podia fazer sendo católico e por isso muitas vezes citava para sossego da consciencia a passagem da mesma Encíclica aonde Leão XIII «o Pontífice de immortal memória» escrevia: quando se está debaixo dum golpe ou sob a ameaça de uma domi-

(11) «Na feira dos Mitos», pag. 51.

(12) Idem, pag. 51.

(13) Idem, pag. 54.

(14) Idem, pag. 54.

(15) Idem, pag. 54.

(16) in «Na feira dos Mitos», pag. 55.

nação que coloca a Sociedade na opressão duma violencia injusta, ou priva a Igreja da sua liberdade legitima, é permitido procurar uma outra organização politica, dentro da qual se possa agir com liberdade». (17)

Antonio Sardinha era portanto um crente, antes de ser um português. Sendo crente sabia ser português.

Glorifiquemos a memória de Sardinha, não só aceitando a lógica das suas conclusões políticas, mas tambem e mais ainda imitando-o nas suas firmes convicções religiosas. Se a experiencia, o raciocínio e o estudo nos fazem ser integralistas, muito primeiro nos hão-de fazer católicos, porque os interesses da alma, eterna, vão sempre adiante dos interesses da vida, que morre.

Se somos tradicionalistas, temos de ser católicos. Toda a nossa história é um favor da Providencia Divina, um rosário de milagres, um hino de Fé. Desde Ourique a Alcácer Kibir, em todas as batalhas e feitos da nossa epopeia guerreira e marítima, a vitória dos portugueses foi a vitória da Religião de Cristo.

A nossa bandeira eram as Chagas Divinas e por isso o triunfo das Quinas, era sempre o triunfo da Cruz. Se dilatámos o império, foi para dilatarmos a Fé. Santa Maria de Alcoaça, Santa Maria da Vitória, Santa Maria de Belem, se são padrões de glória Lusa, são tambem monumentos da Fé dos portugueses.

Sejamos católicos, católicos íntegros, disciplinados á voz dos preladados, sucessores dos Apóstolos, intérpretes da vontade de Deus e que para nós, portugueses, são os dignos representantes *«da linhagem virtuosa dos nossos Bispos de outrora que ao levantarem a Cruz de Cristo, sabiam que levantavam tambem a bandeira sagrada das Quinas»*. (18)

Se queremos ser integralistas, sejamos católicos como Sardinha o foi. Acreditemos *«e confiemos em Cristo»*. (19)

Antonio Maria do Amaral PYRRAIT

(17) Idem, pags. 55 e 56.

(18) «Na feira dos Mitos», pag. 56.

(19) «Durante a Fogueira», pag. 62.

ANTONIO SARDINHA

E

MAURICE BARRÈS

QUANDO dentre os meus livros fui procurar aqueles que Antonio Sardinha escreveu, juntamente com a *Côrte da Saudade* veio-me ter ás mãos um volume de Barrès: *Greco, ou le Secret de Tolède*. E numa decoração sombria, castelhana, de torres ameadas e longas planícies tristes, ao lado da figura austera de Antonio Sardinha curtindo penas do exílio, logo a figura de Barrès evoquei—não do Barrès hirtó, de atitudes quasi hieráticas, dos tempos em que pelo egotismo fóra levado aos jardins dum esteticismo puro, bastante wildeano, mas do Barrès desartificioso, natural como se nos revela agora atravez do *Cahiers*, do Barrès que poderosas tendências ancestrais traziam proximo do cristianismo, do Barrès caído em adoração na colina lorena diante do milagre da Tradição mantendo-se e conservando-se de gerações em gerações, patrimonio sagrado, sempre em aumento.

Desde então, constituiu minha intenção reunir na mesma homenagem—humilde e pobre homenagem—os dois Mestres admiráveis, os que mais profundamente impressionaram o meu espirito e mais eficazmente actuaram nêle, do modo a trazerem-me das duvidas em que me debatia para as certezas que hoje me têm na causa de Deus e da Pátria, da Igreja e do Rei.

Reuni-los, porém, era compará-los, acareá-los. Compará-los, acareá-los, era afastá-los ou aproximá-los, consoante o que se concluisse da comparação, da acareação. Era, em todo o caso, marcar-lhes posições certas adentro das doutrinas que ambos professavam, embora sob aspectos diferentes. Ardua, erichada de dificuldades, se me afigurava pois a tarefa. Ainda lhe dei inicio. Acabei todavia por pô-la de parte, reservando-a para mais tarde. Do trabalho feito, a atestar a minha boa vontade—*porque como homem de boa vontade me persino e declaro*—recorto as notas que seguem, notas traçadas ao correr da pena, à medida que eu ia lendo, dum e doutro, os textos que melhor os explicassem e definissem.

Escreve René de Planhol:—⁽¹⁾ *Aucun être humain n'est libre, pas même dans ses songes: il dépend de la terre qui l'a nourri, des paysages que ont reflété ses yeux d'enfant, du langage qui ne peut pas faire que toutes sortes de liens ne l'enchaînent à ce présent et à ce passé. Et, son développe-*

(1) Cit. por Lucien Dubech, in. *Pourquoi je suis royaliste*.

ment spirituel, il ne pourra donc l'accomplir que s'il reconnaît sa dépendance, que s'il se soumet à sa terre et à ses morts, que s'il accepte le fait inéluctable de la patrie. C'est la leçon pathétique et souveraine qui se dégage des Déracinés.

Não será também a lição que se tira da obra de Antonio Sardinha?

E' pelo menos a lição do seu exemplo. Em qualquer dos aspectos da sua actividade, Antonio Sardinha é duma coerência perfeita consigo proprio. O homem confunde-se com o ensaísta—na inteireza do caracter, na rigeza do pulso, na escrupulosa honestidade do pensamento. E o poeta, longe de desmentir o ensaísta, dir-se-hia ora sublinhá-lo, ora mesmo continuá-lo, aperfeiçoá-lo, acabá-lo. Dum tal conjunto resulta uma personalidade completa, inconfundível e forte, personalidade condicionada pelo meio e pelo ambiente, personalidade influenciada pela severa grandeza da paisagem alentejana e pelas virtudes robustas dos antepassados. Nisto, é Antonio Sardinha à maneira de Barrès: consciente dos seus limites iniciais, nêles se reconhece, sem custo, nêles se restringe, sem revolta, nêles e por êles luta e se sacrifica...

Mas não é apenas no exemplo que a sua vida nos oferece, que Antonio Sardinha é à maneira de Barrès. E'-o grandemente no seu nacionalismo.

Na obra de Antonio Sardinha abundam passagens em que êste se afirma discipulo da sua terra e dos seus mortos, como se afirmava Barrès. E quanto lhe devia, Antonio Sardinha o confessou uma vez, quando da morte daquele que fôra o arauto infatigável da reacção contra o internacionalismo e as democracias. — (2) *Morreu Barrès. A essa alma, cheia da inquieta contradição dos nossos tempos, tempos ultimos dum mundo que se vai debaixo da benção larga da Esperança, eu nunca pagarei a ordem que poz na minha sensibilidade, os caminhos que abriu ao rio ardente das minhas emoções.*

Não digo, é claro, que Antonio Sardinha vá até ao extremo a que foi Barrès, postulando temerariamente:—(3) *Le nationalisme, c'est l'acceptation d'un déterminisme.* A' fraze de Barrès, não há muito por Julien Benda citada contra o tradicionalismo—*c'est le rôle des maîtres de justifier les habitudes et préjugés qui sont ceux de la France, de manière à préparer pour le mieux nos enfants à prendre leur rang dans la procession nationale*—acertadamente replicou Antonio Sardinha:—(4) *Há mortos bons, como há mortos maus. Ao cuidado da nossa escolha entregam os primeiros a sua vitória.*

O que sobretudo aproxima um do outro os nacionalismos de Barrès e Antonio Sardinha é o fundo cristão que os distingue e os anima — não obstante arrojões, exageros, contrasensos, a que, como vimos, Barrès não raro se deixava arrastar. Nacionalismos que aceitam um universalismo

(2) in. *Purgatorio das Ideias.*

(3) in. *Scènes et doctrines du nationalisme.*

(4) in. *Da hera nas colunas.*

bem entendido combatendo o internacionalismo, não nasceram sob o signo aziago do *orgulho nacional*. Gerou-os o patriotismo, em horas de perigo, ao tocar dos sinos a rebate. Não se encerram em chauvinismos estreitos. Demonstra-o a noção de pátria, como a ensinava Barrès, como a perfilha Antonio Sardinha. Ouçamos de novo Planhol: — ⁽⁵⁾ *Barrès décerne à la France une dignité éminente; mais son nationalisme ne se fonde cependant pas sur ce qu'elle est la France, et seulement sur ce qu'elle est la patrie. Ainsi, les nationalismes étrangers pourraient tous également s'inspirer de la théorie barrésienne*. Os limites sucedem-se, gradualmente mais amplos e por inevitável consequência mais apagados, mais vagos. As fronteiras inacessíveis como muralhas, nós não as queremos. Para nós, portugueses, existe Portugal, como para os espanhóis existe a Espanha, como para os francezes existe a França. A seguir, para nós, portugueses e espanhóis, existe a Península—complexo de pátrias ligadas por idênticas aspirações e interesses idênticos, problema a que Antonio Sardinha achou soluções, com as suas teorias sôbre o hispanismo, na *Aliança Peninsular*. Depois da Península, há a Latinitade, em que se encontram e se unem todos os povos latinos, usufrutuários da herança greco-romana. Depois da Latinitade, a Europa, pelo qual urge pegarem em armas todos os povos europeus, contra a pseudo-civilização americana e a barbaria asiática que a ameaçam de perto. E finalmente, há a republica que compõem todas as nações à Igreja submetidas e do sinal da Cruz compartilhando conosco — a *Republica Cristiana*, que na Idade-Média foi um facto, quando os Reis eram vassallos do Papa.

Como notou Antonio Sardinha:—⁽⁶⁾ *Compreende-se que Maurice Barrès, simples professor da sensibilidade, naufragasse nas conclusões*. Faltava-lhe uma cultura solida e equilibrada. E faltava-lhe principalmente a fé— a fé que derruba montanhas, como corre na boca do povo. Se Barrès tivesse crido, facilmente teria chegado a conclusões e marcado finalidades superiores às que marcou—as conclusões a que Antonio Sardinha soube levar a sua obra e as finalidades que elle nos incita a procurar atingir. Mas Barrès nunca poudes ou nunca quiz crêr. Era demasiado filho da epoca em que viveu. Não poudes ou não quiz opôr-se abertamente ao século XIX, demolir os idolos de barro que o século XIX erigira nas praças publicas. Sacrificou aos falsos deuses...

Contudo, como Barrès nos aparece proximo do cristianismo, quando nos lembramos de Maurras, segundo quem, ilucida-nos ainda Planhol:— ⁽⁷⁾ *Le nationalisme se fonde sur ce que la France est la patrie, et peut-être davantage encore sur ce qu'elle est la France*. Rasão tinha Antonio Sardinha, comentando em 1923 a profecia dum escritor catolico belga, Van der

(5) Cit. por Lucien Dubech, in. *Pourquoi je suis royaliste*.

(6) in. *Purgatorio das Ideias*.

(7) Cit. por Lucien Dubech, in. *Pourquoi je suis royaliste*.

POLITICA

Hout, de que a primeira heresia condenada seria o nacionalismo:—⁽⁸⁾ *Inteiramente de acordo, porque Van der Hout, ao lançar a sua proposição, o que tinha debaixo de vista era seguramente o nacionalismo que hoje balkaniza a Europa, especie de ideologia naturalista com todas as agressividades do egoismo fisiologico e cego das organizações subalternas. A Igreja, justamente ansiosa de paz e ambiciosa da hegemonia perdida — do reinado social de Cristo — puniu já Maurras. Mussolini — cujo nacionalismo ao principio acusara evidentes filiações em Nietzsche — já se submeteu, em Latráo. Possivelmente, nem todas as arestas do fascismo foram limadas logo de momento. Ao ritmo da ampulheta o resto se fará...*

Entretanto, os verdadeiros nacionalismos vão de triunfos em triunfos — triunfos nos dominios do Espirito, triunfos nos dominios da Inteligência. Barrès regressa, anuncia Henri Massis. E Antonio Sardinha, que jamais nos abandonou, está aqui, junto de nós, a inflamar-nos de entusiasmo, a aconselhar-nos vivamente que prosigamos sempre e sempre, sem uma hesitação, sem um minuto de desânimo, até conseguirmos que Portugal volte definitivamente para a Igreja e para o Rei, apesar dos intelectuais semitas ou semitizados que nos rodeiam e nos ditam leis, apesar dos financeiros de Israel, interessados na anarquia e na desordem, apesar dos que pelos trinta dinheiros aos estrangeiros se venderam e dos que pela cobardia cessaram de pugnar em prol da Verdade Portugueza — *da dupla verdade catolica e monarchica da nossa raça* — porque a pugna ia renhida e demorada...

Dutra FARIA

⁽⁸⁾ in. *Purgatorio das Ideias*.

ANTONIO SARDINHA

a sua fé—o seu entusiasmo

DEPOIS de tantas e tão brilhantes e autorizadas penas terem já estudado António Sardinha sob tantos e tão interessantes aspectos, tornam-se — a bem dizer — descabidas quaisquer considerações minhas, dada a insignificância e inabilidade de quem as faz.

No entanto terei o arrôjo de tentar frizar uma *nuança* da sua personalidade, que por muito me impressionar, nesta época dessòrada de descrença e indiferente apatia, me levou a ainda mais o admirar.

Refro-me ao grande entusiasmo que punha na luta em que se empenhara, e a essa fé cega — mas consciente — que tinha nos destinos da Pátria, e que lhe dá jus à qualificação de grande patriota, no verdadeiro e esplêndido sentido da palavra.

A maior parte dos seus admiráveis ensaios e artigos, ou finaliza com uma exortação entusiástica á gente sã de Portugal, e muito especialmente às novas gerações — a essas que aparecem já livres dos preconceitos bafientos que são as ideas e princípios dêsse século de trevas que, empoladamente se intitulou Século das Luzes —, ou encerra bastas e veementes lições de patriotismo, em outras tantas confissões de fé no porvir do seu país, e em afirmações claras e bem documentadas das intangíveis verdades nacionais, que a História, a Tradição e os mortos lhe ditaram, e que êle, passando-as pela fieira do seu raciocínio, da sua intelligência e da sua illustração, expunha com uma inspiração de apóstolo e uma coragem de cruzado.

Acordou-me do estado de insensibilidade fleumática e indiferente desintêresse em que me mergulhava a pouco e pouco — ridiculamente scéptico e dissolventemente pessimista, antes de fazer vinte anos! — êsse seu fogôso entusiasmo.

Então, como que encontrei a minha estrada de Damasco.

E agora, não vejo melhor maneira de lhe render o preto que me-rece, do que pedindo à mocidade da minha terra — sã e desempoeirada — mas adormecida numa atmosfera perigosa, empestada de miasmas destruidores, que procure conhecer a obra dêle, certo que serão logo despertadas suas energias, e que da comunhão da Verdade, que as suas palavras tão bem revelam e fazem sentir, com a Fé, que elas tão convictamente ateiam, nascerá a coorte dos restauradores de Portugal.

Mascarenhas e SILVA

R e s t a u r a ç ã o

DIZER o Verbo naquela época de grande perturbação ideológica, em que os valores se sumiam pela anarquia dos seus princípios políticos, ou se ridicularizavam nas tribunas parlamentares, foi a obra grandiosa de Antonio Sardinha, o verdadeiro amigo da Nação, que ele defendia como uma realidade fisiológica.

Nem essa perturbação mental que tanto nos affligiu, nem o bacilo canceroso do segundo movimento politico internacional, nem ainda a grande luta pelo interesse que tanto depauperou a Nossa Terra, conseguiram retardar o movimento reaccionario por ele iniciado, ou amesquinhar o seu alto valor intelectual.

O Mestre ainda não acabou de Dizer e de Ensinar. A sua palavra é cada vez mais clara e mais enfática porque o Verbo é irrefutavel.

O auditório cresce e ha-de acotovelar-se ante a Verdade Política Nacional numa apoteose justa ao defensor da Igreja Católica e ao verdadeiro amigo da Pátria.

E quando Portugal, liberto da influencia estranha soltar o grito sincero de seu sentimento atávico pela Monarquia organica dos municipios, corporações e sindicatos, Antonio Sardinha consumará a sua obra, continuando a viver em eterna memória, e a nação inteira viverá na demonstração evidente da Verdade que foi dita pelo verdadeiro Restaurador.

Lisboa Janeiro de 1930.

Francisco de M. GALVÃO

singela Homenagem

RELEMBRAR a morte de Antonio Sardinha, é combinar idéas, pensar no futuro; é pugnar por uma causa a que nos sujeitam as nossas crenças; é a impreterível necessidade de conseguir a finalidade da doutrina que, a visão preclara dum homem delinheu sucintamente, num momento de profunda e angustiosa desilusão!

Exemplo de virtudes e de civismo, Antonio Sardinha, representa o prodígio eloqüente do Integralismo! De um estilo claro, sem fastidiosa e supérflua extensão de palavras, manejou altivamente e com rara originalidade e desafecção, os assuntos mais complicados e melindrosos.

Julgou sem dificuldade, e confirmou os sãos princípios com destreza, quer admoestando a acção indecorosa da governação pública, quer profetizando o grande infortúnio duma nacionalidade arrastada para o abismo, pela corrupção dos homens!

Português de temperamento, tendo um culto indelével pela pátria, pela família, e pela religião Católica, Antonio Sardinha, apareceu numa época de afecção social, numa época em que a desordenação de princípios e de costumes, reinava em quasi todos os espíritos.

E numa fase, em que predominava a malícia, a vaidade, e a nenhuma presença de character, Antonio Sardinha foi um verdadeiro apóstolo entre tão abjecta multidão, exaltando o nacionalismo, e nêle, o ressurgimento duma pátria decomposta, cauterisada pelo ferrête da sua condenação!

Temos que honrar Antonio Sardinha! Mas, para honrar a sua memória, é-nos imposto vincar com hombridade e decisão a nossa attitude, e esperar o embate, sem medo, e sem receio, que nos dará a vitória!

Nós, os novos que o conhecemos, e que o meditamos e o sentimos, deixemos prevalecer nos nossos corações o culto pela família e pela religião católica, e jámais reprimamos o impetuoso amor pátrio, credo em Deus, no Rei, e na nossa Nacionalidade!

S. Domingos, 31 de Dezembro de 1929.

Alves LOPES

NOTA FINAL

A preparação deste numero da «Politica» ordenada por nós á Redacção em fins de Dezembro, representa da sua parte muito esforço e bôa vontade. Absorvidos com os trabalhos de réorganisação dos nossos quadros escolares, só tarde a ideia nos ocorreu e só tarde portanto foi ordenada.

Daí o limitado prazo que a Redacção concedeu aos colaboradôres.

Por outro lado algumas demoras no envio de originais e o facto de, por motivos extranhos e superiores á nossa vontade e á dos nossos illustres amigos, termos de fazer e refazer artigos, foram as causas que determinaram o atrazo com que este numero sai . . .

O curto espaço de tempo em que foi preparado não nos permitiu solicitar algumas colaborações, que muito prezariamos, como a do nosso querido camarada Leão Ramos Ascenção, actualmente por terras de Africa, e a dos nossos illustres amigos, Carlos Malheiro Dias, demorado pelo Brazil e Martinho Nobre de Melo, só há pouco regressado do estrangeiro.

Carlos Selvagem, por motivos de muito e inadiavel trabalho, bem contra o seu desejo, não poude aceder ao nosso convite. Pelos mesmos motivos acima referidos, extranhos e superiores á nossa vontade e á do seu illustre auctor, não se publica o admiravel e oportuno artigo, com que Rolão Preto quiz honrar este numero e a Memoria do Mestre . . .

A' gentileza de Afonso Lopes Vieira devemos as palavras, que expressamente escreveu, que acompanham a gravura da lapide do aqueducto de Elvas, e . . . as nossas desculpas pelo atrazo e por quaisquer omissões.

*
* *

E' cedo ainda para se dizerem sobre o Mestre as palavras que *ficam*, porque a sua obra não está ainda toda dada á estampa, porque a

nossa dôr está ainda muito viva e, enfim, porque esta hora intranquila, não é ainda a Hora...

Este numero não é, portanto, o *In Memoriam* do Mestre, mas um testemunho para a gente nova...

Em intimo contacto com as gerações que sobem para a vida e para a luta, debruçados portanto, sobre as largas perspectivas do futuro, encontramos-nos numa posição priverligiada, que nos reveste de especial autoridade para soltarmos este toque de *cerrar fileiras!* — sobre todo o mostradôr do quadrante: aos avanguardistas como aos veteranos...

Sentinelas fieis ás ordens dos verdadeiros e unicos chefes, cumprimos o nosso dever soltando este brado de — ás armas! — agóra que o combate está travado em todos os sectores da gente nova.

A Junta Escolar de Lisboa

no primeiro lustre da morte do Mestre

as missas em Lisboa

MANDADAS dizêr pela Junta Central e pela Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, foram rezadas duas missas no dia 10, na Basilica dos Martires, pelas 10 horas e meia, sufragando a alma de Antonio Sardinha.

Na impossibilidade de darmos uma nota completa da assistencia bastante numerosa, limitamo-nos a dar alguns nomes ao sabôr da memoria:

Drs. Hipolito Raposo, Pequito Rebelo e Afonso Lucas, da Junta Central; Dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, Dr. Soares Victor, Dr. Pablo Pereira, Dr. Gonçalves Rodrigues, Dr. Abrantes Tavares, Dr. Alberto Calejo, Fernando Campos, D. Bernardo da Costa (Mesquitela), Duque Calado, Dutra Faria, Acurcio Rodrigues, Centeno Castanho, Armando Alves Lopes, Valentino de Sá, Antonio do Amaral Pyrrait, Melo e Sabo, Franz d'Almeida Langhens, Manuel Viegas Tavares, Alexandre d'Almeida Fernandes, Corrêa de Melo, Quirino da Fonseca, Domingos Mascarenhas e Silva, Francisco M. Galvão, José de Almeida Fernandes, etc., etc.

Fizeram-se representar, «A Politica» pelos seus Redactores, e os Nucleos de Direito, Letras, Medicina, Sciencias, Tecnico e Agronomia, da Junta Escolar de Lisboa.

As missas foram acolitadas pelos nossos camaradas Drs. Moraes e Alves Campos.

A OBRA LITERARIA DE ANTÓNIO SARDINHA

Poesia

Tronco Reverdecido

1906-1908
(Lx., 1910).

A Epopeia da Planície

Poemas da Terra e do Sangue
(Coimbra, 1915).

Quando as nascentes despertam...

Poemas da Turbação e da Bôa Estrela
(Lx., 1921).

Na Côrte da Saudade

Sonetos de Toledo
(Coimbra, 1922).

Chuva da Tarde

Sonetos de Amôr
(Coimbra, 1923).

Era uma vez um menino...

Elegias
(Lx., 1926).

A PUBLICAR:

Roubo de Europa

Poema
Com um estudo de Luís de Almeida Braga.

Pequena casa Lusitana

Sonetos.

Procissão de Cinzas & Outros Poemas.

História Nacional, Filosofia Política e Crítica das Idéias

O Valor da Raça

Introdução a uma Campanha Nacional
(Lx. 1915).

Ao Princípio era o Verbo

Ensaíos & Estudos
(Lx., 1924).

POLITICA

Ao Ritmo da Ampulheta

Critica & Doutrina
(Coimbra, 1925).

Teoria das Côrtes Gerais

Prefácio á História e Teoria das Côrtes
Gerais, do 2.º Visconde de Santarem
(Lx., 1925)

Na Feira dos Mitos

Idéas & Factos
(Lx., 1926).

Durante a Fogueira

Páginas da Guerra
Lx., 1927.

Á sombra dos Porticos

Novos Ensaios
Lx., 1927.

Da hera nas Colunas

Novos estudos
(Lx. 1928)

Purgatorio das Ideias

Ensaios de Critica
Lx., 1929.

A PUBLICAR:

De Vita et Moribus

Casos & Almas

Glosário dos Tempos

A prol do comum

O Processo dum Rei

Estudos Peninsulares

A Questão Iberica

(De colaboração)
O Território e a Raça
(Lx., 1916).

A Aliança Peninsular

Antecedentes & Possibilidades
Prefacio de D. Gabriel Maura
Camazo, Conde de la Mortera
(Porto, 1924).

A PUBLICAR:

Á Lareira de Castela

CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívicos

PARTOS—SIFILIS

CONSULTAS—Largo José Fontana, 12-2.º

ÀS 16 HORAS

DR. MÁRIO CARDIA

MÉDICO DOS HOSPITAIS

Doenças das senhoras. Partos. Cirurgia.

Tratamentos pelo rádio e electricidade

AVENIDA DOS ALIADOS, 41, 1.º — PORTO

TELEF. 4907

MIRA DA SILVA

MÉDICO

AV. ALMIRANTE REIS, 57-A, 1.º

LISBOA

DR. COSTA FELIX

INTERNO DE CIRURGIA DOS HOSPITAIS CÍVICOS

CONSULTAS

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 33 — Tel. C. 2630

ÀS 14 H.

DAFUNDO: R. Paulo Duque

ÀS 17,30 H.

PIANOS SCHWECHTEN

Os melhores entre os melhores

REPRESENTANTES

OLAVO CRUZ, L.^{DA}

L. Trindade Coelho, 6

LISBOA

Não ha CAFÉ como o de

A PAULISTANA

Gerência de ADRIANO TELES

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE

CAFÉ E OUTROS PRODUCTOS DO BRASIL

Largo de S. Domingos, 12

(Palácio do Conde de Almada, junto a Simões, Carmo, Ltd.)

PEDIDOS PELO TELEF. T. 3887

BREVEMENTE:

Av. Fontes Pereira de Melo, 52-A, 52-B

AFONSO LUCAS

ADVOGADO

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 2.º

TELEFONE C. 642

LISBOA

ANTONIO J. FREIRE

CLINICA MEDICA-PSICOTERAPIA

CONSULTORIO: Rua de Santa Justa, 6, 1.º

das 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} — Das 15 ás 18 h.

TELEF.-TRINDADE 3584

RESIDENCIA: Rua da Junqueira- 279, 1.º

Telef.-Belem 497 — LISBOA

MARTINHO NOBRE DE MELLO

ADVOGADO

RUA DE SANTA JUSTA, 82, .º

Telef. N. 4952

LISBOA

A. NUNES E SILVA

ADVOGADO

TEL. C. 642

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 2.º

LISBOA

LIVRARIA FERIN

(FUNDADA EM 1840)

TORRES & C.^{TA}

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

Sortimento de livros nacionais e estrangeiros

Sciencias — Artes — Letras

Material de Desenho

Correspondencia com todos os Mercados

do livro Estrangeiro

TELEF. C. 508

